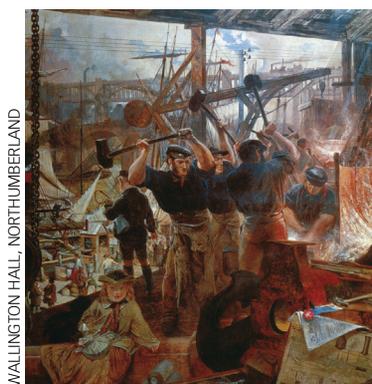


**Capitalismo, Socialismo  
e Comunismo**



**GEOGRAFIA GERAL 1**

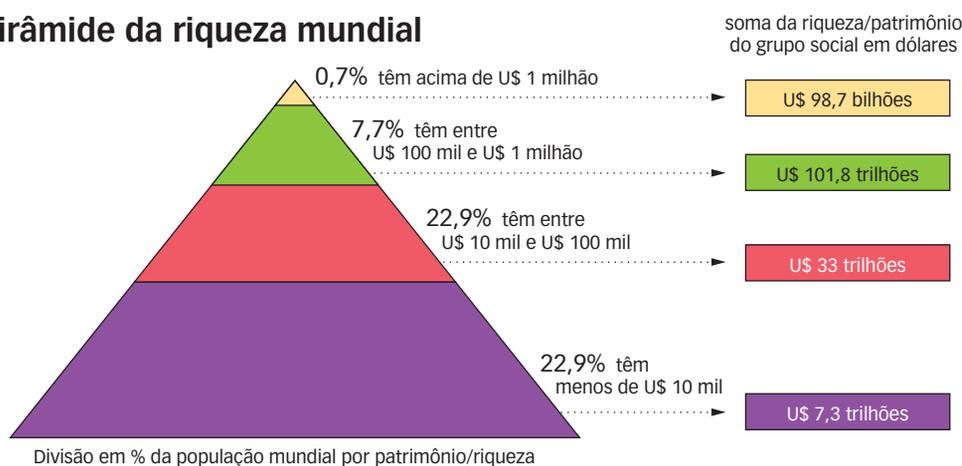


WALLINGTON HALL, NORTHUMBERLAND

O que outrora se fazia “por amor a Deus”, hoje se faz por amor ao dinheiro, isto é, daquilo que hoje confere o sentimento de poder mais elevado e a boa consciência.

**Friedrich Nietzsche, filósofo alemão.**

### Pirâmide da riqueza mundial



Fonte: James Davies, Rodrigo Luberas e Anthony Shorrocks, da Credit Suisse 2013 Global Wealth.

## Existe ou não a verdade?

Antes de tudo, nunca é demais deixar claro: não há ideias absolutas para a ciência. Ela evolui e muda constantemente. Por conseguinte, não há “o dono da verdade”. O que existe são afirmações científicas verdadeiras até que sejam produzidos novos conhecimentos que as superem, substituindo-as ou complementando-as. Nesse sentido, a verdade é relativa. Poderíamos dizer: a única verdade absoluta é que a verdade absoluta não existe. Esse entendimento vale não só para as ditas ciências humanas e sociais, mas também para as chamadas ciências exatas. A solução de um teorema matemático considerada verdadeira por séculos pode receber uma nova interpretação. Em física chegamos a ter como “verdade científica” que nosso belo planeta Terra era o centro do Universo. Hoje sabemos que simplesmente não há um centro no Universo e nem mesmo somos a principal referência de nossa galáxia. Essa evolução científica ocorre com mais

freqüência ainda nas ciências sociais. Como em nosso caso, a geografia.

Além disso, a ciência também não é neutra. Ela é produzida por homens e mulheres inseridos na sociedade e pertencentes a grupos ou classes sociais cujos interesses são diferentes e não poucas vezes antagônicos. Por exemplo, os cientistas de uma indústria farmacêutica podem ser impedidos de produzir determinados remédios que colocariam fim a algumas doenças. Ou ainda podem ser obrigados a direcionar suas pesquisas em projetos com maior prioridade financeira. Economistas ou cientistas sociais que trabalham para associações empresariais não seriam muito incentivados a produzir estudos que demonstrem a defasagem dos salários ou más condições no ambiente de trabalho. É possível citarmos vários casos, mas nos basta alguns para evidenciarmos a não neutralidade científica.

Outro detalhe importante: geografia e história são ciências que caminham bastante juntas. Grosso modo,

821-1

0016

podemos afirmar que a primeira cuida do espaço e a segunda, do tempo. E estes, espaço e tempo, não podem ser vistos de modo separado. Conseqüentemente, seria melhor assim grafá-los: *espaço-tempo* (o que nos aproxima da física de Einstein!). Referimo-nos isoladamente a **conhecimento geográfico** ou **geografia** simplesmente com a intenção de concentrar esforços em um aspecto da realidade e não de fragmentá-la.

## Primeiros passos

Todavia, nada disso nos impede de buscarmos a compreensão do que precisa ser compreendido, até que novas produções científicas revelem novas visões...

Vamos começar definindo, de maneira ampla e geral, o conceito básico de **capitalismo**. Ele servirá não só para que possamos continuar as demais reflexões de nossa aula, mas igualmente é essencial à análise de inúmeros temas pertinentes às ciências sociais e humanas. Logo, trata-se de uma definição central.

### :: Sistema econômico, social, político e cultural baseado na propriedade privada dos meios de produção

Em uma sociedade assim organizada, indivíduos ou grupos de indivíduos (empresas, associações ou qualquer outro tipo de organização) podem ser proprietários de bens e serviços utilizados para a produção de outros bens e serviços. Por exemplo, legalmente você pode ser dono de uma fazenda onde se planta feijão, uma fábrica onde se produz cadeiras, um hospital, um parque de diversões, um mercado ou o que mais se possa imaginar. Não há nenhuma lei que impeça isso. Pelo contrário, a legislação garante e estimula a propriedade privada dos meios de produção no capitalismo. Esse tipo de relação social irá impactar decisivamente a formatação do espaço geográfico em que vivemos: a ordenação da cidade; dos bairros; da rua em que você mora; da oferta de serviços sociais essenciais (saúde, educação, transporte etc.); a relação entre cidade e campo; o acesso aos alimentos, bem como a qualidade deles e tudo o que nos cerca e nos faz bem ou mal. Saber o que seria eventualmente bom ou ruim é uma tarefa, entre outras, que propomos a você. Isto é, encorajá-lo a construir uma consciência crítica sustentada por conhecimentos científicos e não pelo senso comum (o famoso "achismo"). Todos nós

atribuímos valores à sociedade em que vivemos e isso significa entendê-la. O problema não é assumir uma posição, mas sim não sustentá-la por pressupostos racionais. É isso o que os exames vestibulares exigem, a carreira profissional e a própria vida!

### :: Mais um pouco sobre o capitalismo

Outra noção vital para a compreensão do funcionamento do capitalismo está na relação entre os mencionados proprietários privados dos meios de produção e os não proprietários privados dos meios de produção. Quer dizer, os **trabalhadores**. Eles possuem somente a sua **força de trabalho** ou mão de obra, que, em troca de um **salário**, vendem justamente aos proprietários das máquinas, equipamentos, ferramentas e demais expedientes necessários à produção: os donos dos meios de produção.

Ressaltamos que não devemos identificar o conceito de capital ou capitalismo com apenas acúmulo de dinheiro. Este, o dinheiro, é uma representação para expressar o estabelecimento da equivalência entre mercadorias, produção e trabalho: um meio que facilita a compra e a venda. O sistema capitalista, como os demais ao longo da história, é composto por **relações sociais**. Quando um trabalhador vende sua mão de obra em troca de um pagamento, quando um capitalista vende uma mercadoria ou quando a compramos, estamos falando de **relações sociais** na área econômica propriamente dita. No entanto, podemos ainda definir capitalismo como um conjunto de relações sociais em todos os setores da vida humana.

## O território do capital<sup>1</sup>

O sistema capitalista existe há aproximadamente 500 anos. Desde então tem passado por algumas fases e ampliado sua inserção por praticamente todas as regiões do planeta.<sup>2</sup> É assim, na história da humanidade, o primeiro sistema a se tornar efetivamente global. Antes dele, a escravidão da Antiguidade e o Feudalismo, mesmo envolvendo grandes territórios, não tiveram alcance planetário.

<sup>1</sup> Nas aulas 1 e 2 deste caderno sugerimos que você use as aulas e textos de História, especialmente do período chamado de Idade Moderna, que, de acordo com o convenção, vai de 1453 a 1789. A Idade Moderna é justamente o que agora estamos estudando: a transição da sociedade feudal para a sociedade capitalista.

<sup>2</sup> Neste ponto, caso ainda não tenha sido feita, sugerimos a leitura das aulas 1 e 2: "Globalizações" do Caderno 1 de Geopolítica. Lá são explicados os conceitos de globalização em múltiplos aspectos, bem como a relação entre as escalas global e local, além da história mais recente do fenômeno da globalização. Isto é, da etapa financeira do capitalismo.

Ao deixarmos o sistema feudal da servidão, o mundo inicia sua caminhada em direção ao capitalismo. Entre o começo da segunda metade do século XV e a segunda metade do século XVIII, ou seja, um período de aproximadamente 300 anos, ocorreram várias mudanças e eventos que significaram o nascimento e a consolidação desse novo sistema.

### **:: Nascimento: acumulação de capital comercial**

As descobertas ultramarinas dos séculos XV e XVI deram um enorme impulso ao desenvolvimento comercial europeu. Fenômeno atribuído primeiramente aos espanhóis e portugueses, com a conquista de novos territórios, a expansão econômico-comercial encontra áreas inexploradas para o fornecimento de matérias-primas essenciais<sup>3</sup> à produção, produtos prontos para serem comercializados, novas fontes de mão de obra (o que originou a escravidão moderna – africana) e, na sequência, novos mercados consumidores. Foi a chamada Revolução Comercial, caracterizada também pela sofisticação da atividade bancária e da economia monetária; aumento do crédito; regulamentação de novos tipos de comércio e sociedade por ações. Em outras palavras, surge o capitalismo e sua primeira versão é a comercial. Até o século XVII, o capital acumulado por meio dessa atividade viabilizaria, a partir da segunda metade dos anos 1700, a primeira fase da Revolução Industrial. Assim, desde o século XVIII, o capitalismo inicia seu período industrial. É ainda importante notar que tanto as descobertas marítimas quanto a Revolução Comercial que lhe seguiu, **bem como a Revolução Industrial**, somente foram possíveis também por conta do desenvolvimento técnico e científico em várias áreas, especialmente na navegação, química, biologia, medicina, agricultura e física. A expansão marítima e de territórios igualmente significou a expansão colonial: as nações-metrópoles tornaram-se proprietárias de vastos territórios, as colônias. A quantidade de recursos naturais retirados dessas regiões, sem vantagem alguma para elas, e comercializados no mundo é incalculável. Por exemplo, estima-se que a Espanha,<sup>4</sup> somente de

suas possessões americanas, entre 1521 e 1660, tenha “recolhido” 18 mil toneladas de prata e duzentas de ouro. Há estimativas que afirmam que esses números podem ser o dobro.<sup>5</sup>

### **:: As Revoluções Burguesas e a Revolução Industrial**

Como vimos, o capitalismo é um sistema baseado na propriedade privada dos meios de produção em que seus proprietários compram a mão de obra dos trabalhadores em troca de um salário (suficiente ao menos para que o trabalhador e sua família possam continuar se reproduzindo) e ao final do processo (produção e venda) consigam ampliar o capital inicialmente investido. Igualmente, como já visto, essa primeira forma de acumulação de capital, na história do capitalismo, ocorreu predominantemente por meio do comércio.

### **:: Quanto mais se tem, mais se quer**

Outra característica basilar do capitalismo é o constante aumento de acúmulo de capital. Não há sentido, para o capitalismo, em ao se investir determinado valor em um negócio, ao final de todo o transcurso (trabalho-produção-venda), obter-se o mesmo valor inicialmente aportado sem agregar valor extra algum. Seria um contrassenso. Esse processo pode ser representado pela seguinte expressão:

D – M – D´

Onde “D” é dinheiro, ou melhor, capital inicial; “M” é mercadoria e “D´” é “mais dinheiro”, quer dizer, “capital acumulado”. O que gera o “mais-valor” não é essencialmente a troca de mercadoria ou a sua venda, mas sim o trabalho que criou tal mercadoria. A venda ou troca da mercadoria tem meramente a função de intermediar o processo, possibilitando a concretização do acúmulo.

Ainda outra fórmula:

D – D´

Na lógica do capital financeiro, dinheiro é gerador de dinheiro ou capital financeiro é gerador de capital financeiro. Não há a intermediação da mercadoria “M”.

<sup>3</sup>Entre elas, basicamente: madeira, metais preciosos, gêneros alimentícios (chocolate, café, açúcar, arroz), produtos agrícolas (algodão, fumo, cacau, quina, coconilha) etc.

<sup>4</sup>Não é demais recordar que os responsáveis tanto pela exploração injusta da riqueza das Américas quanto, por exemplo, pelo lucrativo tráfico de escravos africanos não foram, no caso, o povo e os trabalhadores espanhóis, mas sim a então elite desse país: financistas e banqueiros, família real e as mais altas camadas da nobreza, do comércio e dos negociantes.

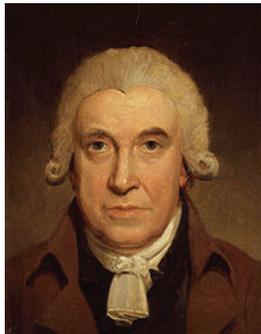
<sup>5</sup>Para maiores detalhes, ler o livro: *História do Capitalismo*: de 1500 aos nossos dias, de Michel Beaud. Editora Brasiliense, 2004.

## :: Revoluções na economia

A acumulação de capital comercial pelas burguesias europeias, segundo já indicado, possibilitou que se passasse a um outro estágio do desenvolvimento capitalista, o industrial. Além disso, a nova fase foi uma necessidade exigida pela lógica do sistema em si. Ou seja, conforme observamos no modelo D-M-D', todo empresário aplica em seu negócio uma quantidade específica de recursos para, ao cabo dele, alcançar um valor extra. Esse nível de acumulação, empregado predominantemente, atingiu seu limite social e, por isso, exigiu um novo patamar de acumulação: o industrial, sem, é claro, fazer com que o anterior deixasse de existir, o comercial. Este continua, mas passa para um segundo nível. O espaço é assim alterado, pois alteram-se as relações sociais. Portanto, não foi por acaso que a Revolução Industrial ocorreu primeiro na Europa.

Surgem, então, as indústrias. Os camponeses são expulsos para as cidades; eleva-se profundamente o índice de urbanização; emergem os operários e a classe média, as fábricas, as precárias vilas e moradias dos trabalhadores, os sindicatos e com toda essa transformação uma série de outros elementos e desafios: uma nova dimensão de pobreza e miséria convivendo com enormes volumes de riquezas jamais vistos na história da humanidade. Despontam novas doenças e epidemias; a agricultura é mecanizada; há grandes saltos populacionais para a procriação das próximas gerações de trabalhadores e a variedade e quantidade de serviços oferecidos são alargadas, da mesma maneira que os bens de consumo duráveis e não duráveis. Todas essas mudanças causaram uma intensa transfiguração no espaço geográfico. O mundo mudou e para sempre.

Historicamente, essa longa e complexa cadeia de acontecimentos corresponde à Revolução Industrial na Inglaterra. Costuma-se datar o início de sua primeira fase entre 1760 e 1780, e a segunda "explodiu" aproximadamente nas décadas de 1840 e 1860. Somando-se à controvérsia referente às datas, há a polêmica sobre a existência de somente uma Revolução Industrial (com duas fases) ou de duas Revoluções Industriais. Não é nosso presente objetivo envolvermo-nos em tal debate,



REPRODUÇÃO

**James Watt aperfeiçoou o motor a vapor, primordial para a primeira fase da Revolução Industrial.**

mas somente sabermos que a controvérsia continua. O fato é que a Inglaterra logrou um capital excedente, derivado das razões já explicadas, e desse modo pôde investir em novos projetos econômicos, bem como nos necessários aprimoramentos científicos e tecnológicos. Juntos, os fatores indicados (capital comercial acumulado e tecnologia) levaram a uma produção industrial em massa, provocando a inundação dos mercados ingleses e mundial. Detalhando: a Revolução Industrial não teria ocorrido sem a máquina a vapor; o transporte ferroviário; a abundância de alimentos com a mecanização da agricultura; os teares mecânicos e as novas máquinas da indústria têxtil; a disponibilidade de aço em larga escala; o telégrafo e o motor a explosão criado em 1885 por Wilhelm Daimler, fundador da transnacional que leva seu sobrenome e da marca Mercedes-Benz.

## :: Revoluções na política

O novo mundo da urbanização e da indústria não teria sido possível, mesmo com o uso do capital comercial acumulado e das inovações tecnológicas, sem as revoluções políticas da burguesia.

As revoluções burguesas clássicas foram as que ocorreram na Inglaterra (Revolução Gloriosa, 1688-1689) e depois a mais conhecida, a Revolução Francesa de 1789-1799. Ambas foram pioneiras, causaram impacto em todos os continentes e significaram a tomada do poder político pela nova classe social em ascensão: a burguesia. Nos séculos XVII e XVIII, as burguesias da Europa Ocidental já controlavam economicamente amplos territórios e espaços espalhados em todo o planeta. Apesar disso, necessitavam regular direta ou indiretamente o Estado para que os negócios fluíssem ainda mais, o que, com efeito, foi realizado.<sup>6</sup>

## :: Smith e Friedman: dois lados de uma mesma moeda

Na sugestão de livros da seção **Navegar** destas duas aulas, recomendamos a obra-prima de **Adam Smith**, o principal teórico econômico do capitalismo em sua etapa liberal. Trata-se de *A riqueza das nações*. Sucintamente, preconizava, em seu *laissez-faire*,<sup>7</sup> a eficiência da **mão**

<sup>6</sup> Novamente realçamos: consulte os cadernos de História Geral para saber mais sobre esse importantíssimo acontecimento.

<sup>7</sup> Expressão originalmente em francês que significa "deixai fazer".

**invisível.** Quer dizer, não havendo qualquer tipo de interferência estatal nas forças do mercado, na lei da oferta e da procura, a sociedade funcionaria de maneira equilibrada. Caberia tão só ao Estado a segurança pública para exatamente garantir a liberdade entre os que desejam comprar e vender.

É possível afirmar que tal ideia subsiste, na prática, ao menos nos dias de hoje? Se sim, por que na maior nação capitalista, os Estados Unidos, quase 15% dos mais de 322 milhões de estadunidenses, ou seja, 48 milhões de pessoas, não possuíam acesso a um sistema de saúde em 2014?<sup>8</sup> Ao mesmo tempo, por que na Dinamarca, um país capitalista central, a saúde é uma das melhores do mundo e oferecida gratuitamente a todos os habitantes e pelo Estado? São realidades que nos devem levar a pensar em relação à plena liberdade de mercado prescrita por Adam Smith.



REPRODUÇÃO

**Adam Smith.**

Falecido em 2006 aos 94 anos, o estadunidense **Milton Friedman**, um dos principais teóricos do monetarismo,<sup>9</sup> foi reconhecido com o Prêmio Nobel em Ciências Econômicas do ano de 1976. Ele e Friedrich Hayek (Escola Austríaca)<sup>10</sup> estão entre os principais pensadores do neoliberalismo. Além disso, liderou com George Stigler a chamada Escola de Chicago. Dela saíram os Chicago Boys<sup>11</sup> e a política econômica dos governos de Margaret Thatcher na Inglaterra e de Ronald Reagan nos Estados Unidos, ambos durante os anos 1980.

No mesmo caminho que Adam Smith, mas em outro período histórico e de maneira mais radical, Friedman

defendia a primazia pura do mercado sem qualquer tipo de regulação ou intervenção estranha à lei da oferta e da procura. Para ele, a simples existência de sindicatos ou associações de trabalhadores, da fixação de pisos salariais e até mesmo do salário-mínimo interferia negativamente nos preços, inclusive da mão de obra, comprometendo o livre e perfeito funcionamento do mercado. Somando-se a esse cenário, os gastos públicos crescentes criariam um ambiente artificial e inflacionário, afastando investimentos privados e a partir daí gerando a crise. Entre suas principais obras estão *Capitalismo e liberdade*, publicado em 1962 pela Universidade de Chicago.

## Imperialismo

Após o colonialismo clássico do século XV ao início do XIX, cujo auge ocorreu entre os anos 1500, 1600 e 1700, o mundo vive a partir da segunda metade do século XIX até os primeiros anos do século XX o que se classifica como neocolonialismo ou imperialismo. Ou, ainda, impérios coloniais.<sup>12</sup>

O desacordo entre as potências imperiais sobre quais territórios coloniais caberiam a quem levou à Primeira Guerra Mundial. Condensando ainda mais o raciocínio: a insistência da irresolução acabou produzindo mais uma guerra mundial em 1939. Não nos cabe aqui realizar uma análise histórica complexa, muito menos de tão longo período. Basta entendermos que o avanço das forças capitalistas, desde a época da expansão ultramarina, o enorme acúmulo de riquezas das metrópoles pelo espólio das colônias e o advento do capitalismo industrial, das empresas transnacionais e dos bancos em um último momento culminaram na evolução para uma nova fase do capitalismo, já indicada: neocolonialismo ou imperialismo.

Nações capitalistas desenvolvidas (franceses, britânicos, italianos, espanhóis, portugueses, belgas e alemães – particularmente os dois primeiros) partilharam imensos territórios africanos e asiáticos entre si com vistas a continuarem expandindo os seus negócios: garantia de mercados consumidores de seus produtos manufaturados e fornecimento de matéria-prima para suas indústrias.

<sup>8</sup> Fonte: United States Census Bureau. É um órgão governamental dos Estados Unidos equivalente ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE no Brasil. Disponível em: [goo.gl/yNh9qp](http://goo.gl/yNh9qp). Acesso em: 11 nov 2015.

<sup>9</sup> Teoria que apregoa o equilíbrio econômico por meio do controle do volume de moeda em circulação.

<sup>10</sup> Linha do pensamento econômico também defensora do liberalismo "puro".

<sup>11</sup> Grupo de aproximadamente 25 jovens economistas chilenos que fizeram cursos de pós-graduação na Universidade de Chicago e, logo depois, assessoraram o governo do ditador Augusto Pinochet na implantação de políticas neoliberais.

<sup>12</sup> Para maiores informações a respeito do tema, leia os livros do célebre historiador Eric Hobsbawm, neste caso, *A Era dos Impérios: 1875-1914*.

Possessões coloniais das grandes potências <sup>13</sup> (milhões de km <sup>2</sup> e milhões de habitantes)				
país (potência/metrópole)	colônias			
	1876		1914	
	milhões de km <sup>2</sup>	habitantes	milhões de km <sup>2</sup>	habitantes
Inglaterra	22,5	251,9	33,5	393,5
Rússia	17	15,9	17,4	33,2
França	0,9	6	10,6	55,5
Alemanha	–	–	2,9	12,3
Estados Unidos	–	–	0,3	9,7
Japão	–	–	0,3	19,2
Total	40,4	273,8	65	523,4

Observemos que os territórios coloniais dominados por algumas das potências são muito mais extensos do que as suas próprias áreas. Por exemplo, a Inglaterra atualmente não chega a 131 mil km<sup>2</sup> e em 1914, conforme a tabela acima, controlava 33,5 milhões de km<sup>2</sup>. Mesmo as Ilhas Britânicas atingem somente pouco mais de 315 mil km<sup>2</sup>. A França possui um território de quase 544 mil km<sup>2</sup>, ainda muito menor do que suas possessões, segundo os dados apresentados. Foram, portanto, nações que se tornaram grandes impérios coloniais para dar sequência ao acúmulo de capital por parte de suas grandes burguesias empresariais.

A tabela acima também nos mostra que os Estados Unidos e o Japão, apesar de terem se tornado potências, principalmente os norte-americanos, não conquistaram e exerceram poder por meio do controle direto e formal de territórios. A Alemanha, desejosa de agregar novos espaços geográficos para si, chegou “atrasada” na partilha.<sup>14</sup> Não é de se estranhar que tenha sido pivô das duas Grandes Guerras Mundiais.

Surtem e também se consolidam nesse período as grandes empresas transnacionais, inclusive os grandes bancos.

Instituição	Ano de fundação	País-sede	Setor
AEG <sup>15</sup>	1887	Alemanha	elétrico
Allianz	1890	Alemanha	seguros
Axa	1817	França	seguros
Barclays	1690	Inglaterra	financeiro
Deutsche Bank	1870	Alemanha	financeiro
General Electric	1892	Estados Unidos <sup>16</sup>	elétrico
Legal & General Group	1836	Inglaterra	seguros
Lloyds Bank	1765	Inglaterra	financeiro
Schroders	1804	Inglaterra	financeiro
Siemens	1847	Alemanha	tecnologia
Société Générale	1864	França	financeiro
Standard Oil Company	1870	Estados Unidos <sup>17</sup>	energia

Fonte: Elaborada pelo autor.

<sup>13</sup> Esta tabela pertence ao livro *Imperialismo, fase superior do capitalismo* indicado para leitura na seção **Navegar** da aula 3 deste caderno. A obra tornou-se um clássico dos estudos sobre Geografia e Geopolítica.

<sup>14</sup> A Alemanha somente se formou enquanto Estado-Nação em 1871, enquanto a França o fez no ano de 843 e a Inglaterra em 927. Constituir-se enquanto país unificado foi uma condição política necessária para a exploração econômica de outros territórios.

<sup>15</sup> Dissolvida em 1996.

<sup>16</sup> Os Estados Unidos não disputaram territórios diretamente de maneira tão intensa, conforme o modelo europeu, mas a partir do início do século XX tornaram-se líderes no controle econômico e político do planeta. Isto é, um novo superimpério.

<sup>17</sup> Em 1911 foi dividida em várias outras empresas, entre elas: Exxon, Chevron, Atlantic, Mobil etc. Uma das empresas resultantes mais conhecidas no Brasil é a Esso.

Os conglomerados listados estão, hoje, entre as 50 maiores corporações do planeta.<sup>18</sup> Possuem um poder inimaginável, cujas receitas estão muito além dos PIBs de grande parte dos países. Por isso, exercem profundo controle político, econômico e ideológico acima de vastos territórios e populações. Os atuais monopólios empresariais (das corporações multinacionais) são construídos nessa fase, quando, em tal processo, criaram filiais por todo o mundo, exportando enormes quantias de capitais.

Após esse ciclo, incluindo-se as duas Grandes Guerras Mundiais, há o aprofundamento da inserção e hegemonia do capital financeiro no sistema capitalista global, fase que vivenciamos presentemente. Essa reflexão já foi realizada nas aulas 1 e 2 do Caderno 1 de Geopolítica. Sendo assim, recomendamos sua atenta leitura ou releitura.

## **:: Produção destrutiva e Estado Capitalista**

O filósofo húngaro István Mészáros, em atividade aos 85 anos, desenvolveu uma teoria sobre a **crise estrutural do capital** atribuindo-a à relação entre produção e consumo.<sup>19</sup> Na atual fase do capitalismo, além do domínio do capital financeiro, o sistema é caracterizado igualmente pela superprodução ou produção crônica dos bens materiais. Com o objetivo de resolver esse problema, as empresas manipulam o que Mészáros chama de **taxa de uso decrescente**. Quer dizer, há um uso **dissipador ou destrutivo** não só dos bens de consumo rápido, mas também dos **bens duráveis**: para que se possa resolver a **superprodução** é necessária a **subutilização** das mercadorias. Segundo o pensador, não é possível garantir a continuidade do aumento permanente da lucratividade (como vimos, princípio vital do sistema capitalista) sem diminuir a **taxa de uso** ou durabilidade das mercadorias. Logo, a produção e o consumo estão orientados para a destruição. Vale perguntar: como resolver o problema da ecologia (aniquilamento ambiental, incluindo-se o desperdício) no capitalismo sob esse marco, somado ainda ao estímulo cada vez maior do consumo (consumismo), igualmente imprescindível ao referido aumento permanente da lucratividade?

Em termos ainda mais práticos: qual a longevidade de um eletrodoméstico ou de um automóvel produzidos hoje em comparação com outros fabricados há 30 ou 40 anos? Se durassem 40 ou 50 anos, o que é perfeitamente possível no atual estágio de desenvolvimento tecnológico,

como a indústria manteria o constante acúmulo de capital? Em grande parte, os impactos negativos sobre o espaço geográfico e a falência ambiental não estariam resolvidos?

## **Estado de bem-estar social: keynesianismo e social-democracia**

No século XX foram edificadas algumas formas de capitalismo consideradas “menos selvagens”. Porém, não foram aplicadas em todos os espaços, mas normalmente nos territórios dos países de capitalismo central. As nações semiperiféricas e periféricas<sup>20</sup> quase sempre ficaram excluídas das manifestações mais humanizadas do capital. Essa é mais uma evidência de que a aplicação prática de modelos econômicos e políticos produz diferentes consequências em ambientes com histórias diferentes.

## **:: Estado de bem-estar social, keynes e os Estados Unidos**

A chamada **Grande Depressão** ou **crise financeira de 1929** nos Estados Unidos, simbolizada pela brutal queda da New York Stock Exchange (Bolsa de Valores de Nova York), iniciou um longo período de graves dificuldades socioeconômicas, não só para os norte-americanos, mas com consequências se alastrando para vários países, entre eles o Brasil. Aqui as exportações de café sofreram grande queda, o principal produto brasileiro na época, o que afetou consideravelmente toda a economia.

Nos Estados Unidos, grandes fortunas desapareceram da noite para o dia; o desemprego aumentou enormemente; o PIB declinou substancialmente, o que gerou dramáticas consequências sociais. Alguns números revelam o tamanho da crise:<sup>21</sup>

- desemprego em 1929 (antes da crise): 3,2%;
- desemprego em 1932: 24,2%;
- PIB *per capita* em 1929 (antes da crise): US\$ 847;
- PIB *per capita* em 1932: US\$ 442;
- entre 1929 e 1933, 40% dos bancos no território dos Estados Unidos faliram.

<sup>18</sup> Para maiores detalhes, ler artigo do professor Ladislau Dowbor: “A rede do poder corporativo mundial”, disponível em: [goo.gl/w1ArXG](http://goo.gl/w1ArXG). Acesso em: 16 jan. 2016.

<sup>19</sup> Para um aprofundamento da tese de Mészáros, ler *Produção destrutiva e Estado capitalista*, de 1989, e *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*, de 1995.

<sup>20</sup> Immanuel Wallerstein, sociólogo estadunidense, elaborou a teoria do Sistema-Mundo, que analisa a sociedade articulando entre si os conceitos de centro, periferia e semiperiferia. Por exemplo, os países de centro são Estados Unidos e boa parte da Europa Ocidental, Japão e Oceania; os periféricos estão na maior parte da América Latina, continente africano e grande parte da Ásia; e os semiperiféricos são nações como as que constituem os BRICS, México e demais emergentes.

<sup>21</sup> Fontes: Universidade de Cambridge e FED (Banco Central dos Estados Unidos).

Em algumas cidades, como Toledo no estado de Ohio, o desemprego chegou a 80% em 1933 e na cidade de Lowell, no estado de Massachusetts, atingiu 90% dos trabalhadores.

A solução encontrada para a saída da crise pelo presidente Roosevelt foi a adoção do *New Deal*. O programa, colocado em prática entre 1933 e 1937, visava, basicamente, a forte intervenção do Estado na economia para recuperá-la. Notemos bem: intervenção do Estado na economia em um país em que se defendia firmemente o liberalismo de Adam Smith, quer dizer, a ausência da presença estatal. Intervenção esta traduzida pela regulação, investimentos e aumento da máquina pública. Exatamente o inverso de tudo aquilo que recomendava a ideologia da **mão invisível** do liberalismo smithiano.

Entre as principais medidas do *New Deal* ressaltamos algumas:

- Regulação do sistema financeiro e do mercado de ações.
- O governo federal criou em 1933 o maior programa de geração de emprego, baseado no desenvolvimento de trabalhos em prédios públicos, aeroportos, hospitais, escolas, construção de pontes, estradas, reflorestamento etc. Para se ter uma ideia, 8,5 milhões de trabalhadores ergueram 125 mil prédios públicos, pontes, milhares de quilômetros de estradas, reservatórios, sistemas de irrigação, praças etc.
- Foram realizados enormes programas federais para a recuperação do campo e da agricultura com investimentos gigantes na eletrificação rural, projetos sociais, criação de escolas, aberturas de estradas; elaboração de uma nova legislação etc. Estas e outras medidas viabilizaram uma diminuição dos preços dos alimentos e um aumento substancial na renda dos agricultores.
- Estabelecimento de um conjunto de leis de assistência social, como um programa de aposentadoria, seguro-desemprego, programas de assistência para crianças de famílias em situação de vulnerabilidade, entre outros projetos que acabaram criando nos Estados Unidos um sistema de **Estado de Bem-Estar Social** (destruído a partir do governo Reagan, no início da década de 1980).
- O direito de os trabalhadores se organizarem em torno de seu sindicato e de negociarem acordos coletivos com seus patrões.

Dizia-se, na época, que o Estado contratava homens desempregados para abrir buracos na rua e depois fechá-los. É claro que se trata de um exagero, mas anuncia

claramente a política econômica do período. O *New Deal* de Roosevelt e o pensamento econômico de Keynes<sup>22</sup> mantiveram uma influência mútua, assim é possível afirmar que ambos também foram traçados por meio dessa relação recíproca. O **keynesianismo** prega, sobretudo, o forte uso da ação estatal no sistema capitalista não só para que este continue, mas para que permaneça de maneira equilibrada, fazendo aquilo que a iniciativa privada não faz. Trata-se de uma clara oposição ao liberalismo puro. Em outras palavras, o Estado deve investir, regular e intervir, em termos econômicos, naquilo que não desperta o interesse dos capitalistas privados e que seja necessário para o desenvolvimento da nação. Daí a identificação dos keynesianos também pelo nome de **desenvolvimentistas**. No Brasil, o ex-presidente Getúlio Vargas foi seu precursor.

## Estado de bem-estar social, social-democracia e Europa Ocidental

Na Europa, o **estado de bem-estar social**, muito mais intenso do que em outras regiões, foi estabelecido pela **social-democracia**. Apesar de também possuir várias definições, a social-democracia, em seu sentido principal, significa **a criação de uma sociedade capitalista em que o Estado tenha presença e poder para garantir a justiça social**. Com esse intuito, deverá criar leis, realizar investimentos públicos e políticas sociais, viabilizando igualdade de oportunidades a todos em um ambiente permeado pela democracia representativa. Os empresários capitalistas não só podem como devem empreender, mas em um contexto com regras para que o interesse público da maioria não seja prejudicado pela conveniência de alguns, gerando grandes desigualdades. Assim, todos se manteriam, mesmo os grupos sociais mais humildes, vivendo decentemente. É o que se convencionou chamar de “terceira via”. Isto é, um caminho intermediário entre o capitalismo extremo e o socialismo estatal e autoritário.

O estado de bem-estar social tem funcionado muito bem, sobretudo em países da Europa Ocidental, de maneira especial, logo a partir do final da Segunda Guerra. Entretanto, desde a crise econômica mundial de 2008, vários sistemas europeus foram e continuam sendo seriamente abalados, mas outros ainda se mantêm consistentemente. Por exemplo, a população inglesa

<sup>22</sup> John Maynard Keynes, britânico, é considerado um dos mais importantes economistas do século XX.

tem perdido muitos benefícios, mas nações como a Dinamarca se mantêm funcionando, primorosamente, dentro da lógica social-democrata do bem-estar. Esse país possui um dos melhores sistemas de educação e saúde oferecidos gratuitamente (conforme já comentamos), o que garante uma excelente qualidade de vida à toda a população que não se recusa a aceitar uma carga tributária de aproximadamente 50%.

Todavia, em regiões periféricas ou semiperiféricas, não se pode dizer exatamente que têm havido governos social-democratas de sucesso. Há que se considerar que as ideologias, como a social-democracia (ou qualquer outra), ao serem colocadas em prática por meio de políticas de governo, não estão desvinculadas das relações internacionais e interdependentes em que estão inseridas, tampouco dos legados de suas respectivas histórias. Em outras palavras, implementar a social-democracia em um país continental, com 205 milhões de habitantes,

com mais de 500 anos de conturbada história, com quase 400 anos de escravidão e que por mais de meio milênio tem servido como exportador de riquezas a territórios de todo o mundo (estamos nos referindo ao Brasil), não é o mesmo que fazê-lo em um país como a Dinamarca ou a Suécia.

Em vista disso, percebemos que o mundo já tem experimentado, na prática e na teoria, formas díspares e mesmo antagônicas de governo e gestão da sociedade. Refletimos a respeito da opção capitalista em seu formato mais puro (ou extremo) e maneiras mais amenas, como a social-democracia. Estudaremos, na próxima aula deste caderno, outra experiência: o socialismo e o comunismo. Assim, fecharemos um ciclo de análise. Este conjunto de conhecimentos nos fornecerá materiais essenciais (repetimos para enfatizar) indispensáveis à aprendizagem de vários outros aspectos, temas e disciplinas relacionados à vida em sociedade.



## EXERCÍCIOS

1. (UPE) Analise o texto.

Há um modo de pensar a superação da crise a partir da teoria keynesiana, mediante o aumento dos gastos sociais, socializando os custos da reprodução social, em uma linha oposta à neoliberal, de privatização de tais custos em termos de previdência, de educação. A socialização de tais custos me parece um bom caminho inicial. A outra peça da teoria keynesiana é o investimento em infraestrutura. Os chineses perderam 30 milhões de empregos entre 2008 e 2009, por conta do colapso das indústrias de exportação. Em 2009, eles tiveram uma perda líquida de só três milhões de empregos, o que significa dizer que eles criaram 27 milhões de empregos em cerca de nove meses. Isso foi resultado de uma opção pela construção de novos edifícios, novas cidades, novas estradas, represas, todo o desenvolvimento de infraestrutura, liberando uma vasta quantidade de dinheiro para os municípios, para que suportassem o desenvolvimento. Essa é uma clássica solução “sinokeynesiana” e me parece que uma coisa semelhante aconteceu no Brasil, por meio do Bolsa-Família e de programas de investimento estatal em infraestrutura.

**Harvey, David.**

*Revista do IPEA. 2012. Adaptado.*

O autor cita a teoria keynesiana e sua linha oposta, o neoliberalismo. Sobre as diferenças entre essas duas posições teóricas, é correto afirmar que o

- (a) keynesianismo é um conjunto de ideias que propõe a intervenção estatal na vida econômica, enquanto o neoliberalismo é um sistema econômico que prega uma participação mínima do Estado na economia.
- b) o ideário do neoliberalismo tem como ponto forte o aumento da participação estatal nas políticas públicas, enquanto a ideologia keynesiana fomenta a liberdade e a competitividade de mercados.
- c) o neoliberalismo estimula os valores da solidariedade social conduzida pelo Estado máximo, enquanto o keynesianismo faz a defesa de um mercado forte em que a iniciativa privada deve intervir como promotora de privatizações.
- d) o ideário do keynesianismo defende um mercado autorregulador no qual o indivíduo tem mais importância que o Estado, enquanto o neoliberalismo argumenta que quanto maior for a participação do Estado na economia mais a sociedade pode se desenvolver, buscando o bem-estar social.
- e) o poder da publicidade na sociedade de consumo para satisfazer a população é um grande aliado da política keynesiana, enquanto as ideias neoliberais não são favoráveis a soluções de mercado, opondo-se ao corporativismo empresarial.

## 2. (Ufal)

No campo político, “o capitalismo transformado em sentido neoliberal minou as bases da democracia liberal representativa” e ocorre “ampla submissão da sociedade civil e do Estado à economia” [...]. O processo de globalização é na essência um ataque às conquistas democráticas do século 19 e, sobretudo, do século 20. O objetivo exitoso da “grande contraofensiva neoliberal” era criar um sistema político-econômico livre de “interferências democráticas”.

Adaptado de: cartacapital.com.br.

Acesso em: 16 jan. 2016.

O texto defende um argumento bastante presente nas críticas ao neoliberalismo. Ele se baseia no fato de o neoliberalismo:

- aumentar o número de empresas que fornecem produtos e serviços aos governos.
- focar suas forças na ampliação da rede de relações comerciais entre países.
- se concentrar na oferta do bem-estar social sem o auxílio das instituições oficiais.
- d) buscar a não intervenção do Estado na economia e a privatização de estatais.**
- deixar a escolha das regras econômicas por conta dos consumidores.



## ESTUDO ORIENTADO



Caro(a) aluno(a),

Para o estudo da Geografia e demais ciências sociais e humanas, segundo já assinalamos, o exame do conceito e das implicações do sistema capitalista é obrigatório. Desse modo, recomendamos empenho ainda maior nos conteúdos destas duas aulas. Ainda, por conta da especificidade do presente tema, há uma grande proximidade com as disciplinas de história e geopolítica. Logo, é igualmente aconselhável a complementação com esses dois outros tipos de conhecimento. Não se esqueça disso.

O texto das aulas que você acabou de ler, além de conceituar capitalismo, traça seu caminho histórico relacionando-o diretamente, sempre que possível, aos aspectos geográficos propriamente ditos. Essa ligação é essencial, mesmo porque a divisão entre as ciências é meramente didática e artificial, não existindo na realidade em si.

Os exercícios e atividades agora dispostos visam não só intensificar o aprendizado, mas ilustrar pensamentos e apontar novas ideias. Aproveite todas as sugestões para impulsionar sua formação e também seu nível de conhecimentos gerais. Consulte permanentemente os *sites* sugeridos e assista aos vídeos (documentários e filmes), pois tenha certeza de que, ao mesmo tempo que estiver aprendendo, poderá usufruir de alguns momentos de entretenimento. Por exemplo, o filme de Michael Moore, além de impactante, é uma sátira ao desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos.

Não deixe, da mesma forma, de apreciar o poema “Se os tubarões fossem homens” na voz do provocador Antônio Abujamra. De maneira poética, Bertold Brecht explica os sistemas baseados na desigualdade social; o mesmo podemos dizer da brevíssima e divertida animação de Steve Cutts.

Enfim, adicione ao seu aprendizado a prática da leitura e da reflexão com as atividades propostas na **Roda de leitura, Ágora e Senha**.

**Bons estudos e divirta-se!**

821-1

**EXERCÍCIOS**

1. (Unicentro) Sobre a ação do Estado na política econômica e social de um país e suas repercussões nas sociedades contemporâneas, assinale a alternativa correta.
  - a) Nos regimes socialistas derivados do antigo bloco soviético, o Estado apresenta-se pouco atuante, sendo que as comunas populares controlam o sistema produtivo e o poder.
  - b) A social-democracia caracteriza-se pela valorização da iniciativa privada e pela ausência de seguridade social do Estado. Os serviços de saúde, educação e seguridade social são privados.
  - c)** No capitalismo neoliberal, o Estado não é controlador do mercado, favorecendo a livre-iniciativa e a livre competição entre as empresas. Não prioriza o protecionismo da produção industrial nacional.
  - d) O Estado laico caracteriza-se pela ingerência religiosa nos assuntos de Estado. O Irã é um exemplo de Estado laico.
  - e) O parlamentarismo é a forma de representação própria das monarquias e dos regimes totalitários; o presidencialismo é próprio das democracias socialistas.
  
2. (IFBA)

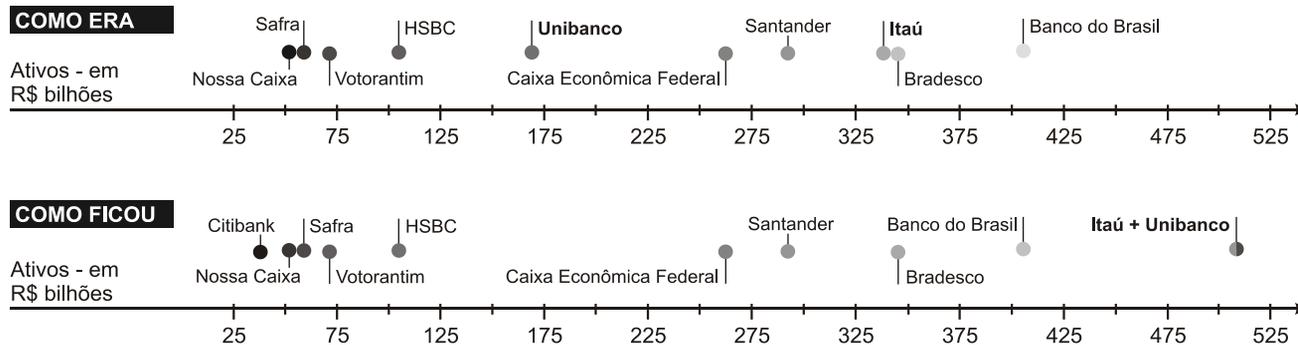


Disponível em: [mcmcapital.com/2011/04/globalization-shapes-u-s-manufacturing-and-mcm-investment-strategy](http://mcmcapital.com/2011/04/globalization-shapes-u-s-manufacturing-and-mcm-investment-strategy). Acesso em: 29 dez. 2015.

- O desenvolvimento tecnológico vem sendo um elemento definidor do espaço na globalização, em suas múltiplas escalas e dimensões geográficas. Nesse sentido, pode-se afirmar que
- a) as empresas multinacionais impulsionam a uniformização dos padrões de estética e consumo nas periferias capitalistas, induzindo assim o desenvolvimento econômico local.
  - b) a revolução tecnológica possibilitou a articulação da sociedade global em rede, definindo novos significados para as fronteiras espaciais que convergem para a integração política do espaço geográfico mundial.
  - c) o espaço globalizado é marcado pela descentralização espacial da indústria e por profundas transformações técnicas na produção industrial, sendo, contudo, preservados os direitos sociais da classe trabalhadora.
  - d) a utilização intensiva da tecnologia na produção industrial também vem impactando o mercado de trabalho, sendo reduzida de forma significativa a participação do setor de serviços na economia capitalista.
  - e)** a tecnosfera é a expressão geográfica da esfera técnica que repercute diretamente na prática econômica, política e social, constituindo-se em uma nova base para o entendimento da regionalização mundial.
- 
3. (Ufal) O capitalismo moderno é um sistema político e econômico que ainda predomina no mundo atual. Ele apresenta uma série de características, como as que são mencionadas a seguir, exceto:
    - a) a globalização do capital financeiro.
    - b) a intensificação dos monopólios.
    - c)** a redução considerável do direito à propriedade privada dos meios de produção.
    - d) o aumento da produtividade do trabalho.
    - e) a competição de oligopólios no mercado internacional.

4. (UERJ)

O que mudou na lista dos maiores bancos no Brasil com a fusão do Unibanco e do Itaú



Adaptado de: *Época*, 10 nov. 2008.

Pela leitura do gráfico, podem-se inferir as seguintes características do momento atual do capitalismo:

- a) livre-concorrência e fragmentação do setor bancário.
- b) concentração econômica e formação de oligopólios financeiros.**
- c) nacionalização da economia e associação dos capitais industrial e bancário.
- d) desregulamentação do mercado financeiro e predomínio dos bancos globais.

5. (Enem) Capitalismo é o sistema socioeconômico em que os meios de produção (terras, fábricas, máquinas, edifícios) e o capital (dinheiro) são propriedade privada, ou seja, **têm um dono. Antes do capitalismo, o sistema predominante era o feudalismo**, cuja riqueza vinha da exploração de terras e também do trabalho dos servos. O progresso e as importantes mudanças na sociedade (novas técnicas agrícolas, urbanização etc.) fizeram com que este sistema se rompesse. Estas mesmas mudanças que contribuíram para a decadência do feudalismo cooperaram para o surgimento do capitalismo.

Características:

- Toda mercadoria é destinada para a venda e não para o uso pessoal
- O trabalhador recebe um salário em troca do seu trabalho
- Toda negociação é feita com dinheiro
- O capitalista pode admitir ou demitir trabalhadores, já que é dono de tudo (o capital e a propriedade)

Com base nas informações acima e em seus conhecimentos, indique três características de cada fase do capitalismo:

**Comercial:** Domínio do capital comercial que viabilizará a fase seguinte do capitalismo: industrial; comércio possibilitado pelas descobertas marítimas; Portugal e Espanha se tornam as principais potências; produção baseada no trabalho escravo; colonização da América Latina.

---



---



---



---



---



---



---



---

**Industrial:** Início da produção em grande escala; estabelecimento das corporações transnacionais; hegemonia do capital industrial; Estados Unidos se transformam na principal potência; predomínio do trabalho assalariado.

---

---

---

---

---

---

---

---

**Financeiro:** Domínio da acumulação financeira; banqueiros se tornam os maiores capitalistas; especulação financeira (riqueza sem base material) supera a produção industrial; desemprego em massa; grande concentração de riqueza.

---

---

---

---

---

---

---

---

**Informacional:** Organização global em rede das corporações transnacionais; maior horizontalidade, conexão global das empresas viabilizada pela *internet* e demais avanços nas telecomunicações e logística global; menos burocracia e menos formalidade na organização das empresas; desemprego em massa; grande concentração de riqueza.

---

---

---

---

---

---

---

---



## RODA DE LEITURA

No texto a seguir (adaptado), Valquíria Padilha, professora da Universidade de São Paulo e autora do livro *Shopping center: a catedral das mercadorias*, analisa o papel dos “centros de compra” na sociedade.

Após atenta leitura individual, realize atividade, à escolha de seu professor, em que seja possível relacionar as noções de cidade, espaço geográfico, consumo, espaço público, segregação, função social do *shopping center* e capitalismo.

Quem nunca ouviu falar em *shopping center*? Ou nunca passou pelos corredores deste centro de consumo? Quantas vezes não viajamos para outra cidade ou país e desejamos visitar o *shopping center* local? Atualmente o *shopping center* concorre com a televisão e o computador entre as atrações mais citadas pelas parcelas privilegiadas da população como preferências de ocupação do tempo livre. Por que isso acontece? Quais são os sentidos desse sucesso?

821-1

Por sua vez, a cidade real, ao mesmo tempo em que desencadeia uma série de problemas para muitos, possibilita alternativas para poucos, como a criação do *shopping center*, a “catedral” em que uma parcela da população idolatra as mercadorias e vivencia lazeres que se distanciam da autonomia e da criatividade. O *shopping center* é hoje um dos empreendimentos mais rentáveis e com uma das maiores taxas de crescimento em todo o mundo.

Nas sociedades capitalistas, o homem não produz mais apenas para satisfazer suas necessidades originais. Existem outras necessidades em jogo, que são as de valorização do capital. A produção de mercadorias converteu-se em uma fonte de lucro, dado que cada trabalhador produz, para os donos das empresas, muito mais do que precisaria para a satisfação de suas próprias necessidades. A produção capitalista gera excedentes que não são calculados com base nas necessidades naturais do homem e sim nas do capital, o qual, por sua vez, precisa criar novas necessidades para estimular a demanda e o consumo. Assim, a produção deve visar a um consumo descartável, uma cultura do desperdício, o que reflete o princípio da “obsolescência planejada” (os objetos são feitos para serem obsoletos). Esse sistema precisa sempre aumentar a produção de mercadorias em quantidade e variedade, mas não em qualidade e durabilidade.

O que essa catedral das mercadorias pretende é criar um espaço urbano ideal, concentrando várias opções de consumo e consagrando-se como “ponto de encontro” para uma população seleta.

O imaginário que se impõe é o da plenitude da vida pelo consumo. Nesses espaços, podemos ocupar-nos apenas dos nossos desejos – aguçados com as inúmeras possibilidades disponíveis de aquisição. Prevalece a ideia do “compro, logo existo”.

Concluimos que esse mundo de sonhos, que é o *shopping center*, acaba reforçando nas pessoas uma visão individualista da vida, em que os valores propagados são todos relacionados às necessidades e aos desejos individuais – “eu quero, eu posso, eu compro”. Assim, colabora para uma deterioração do ser social e o retardamento do projeto de emancipação de seres mais conscientes, autônomos, prontos para a sociabilidade coletiva – que exige a capacidade da troca desinteressada, da tolerância, da relação verdadeiramente humana entre o eu e o outro, entre iguais e entre diferentes.

O que se pode concluir é que o sucesso da fórmula atual do *shopping center* como lugar privilegiado para a realização da lógica consumista traz consigo o

fracasso da plenitude do ser social, distanciando-o de qualquer projeto de emancipação e de humanização do ser humano.

[...]

Disponível em: [faccamp.br/letramento/2013/1sem2oficina/a\\_sociologia\\_vai\\_shopping-valquiria\\_padilha.pdf](http://faccamp.br/letramento/2013/1sem2oficina/a_sociologia_vai_shopping-valquiria_padilha.pdf). Acesso em: 26 jan. 2016.



## NAVEGAR

Orientação sempre importante a ser repetida: a *internet* possibilita um acesso a informações e formações muito mais amplas e diversificadas do que se podia imaginar há pouco tempo. Hoje não estamos mais limitados a um diminuto número de mídias, geralmente desacostumadas à democracia na produção e distribuição das ideias, bem como ao contraditório. Aproveite esta oportunidade para elevar seus conhecimentos e constituir-se, cada vez mais, enquanto um cidadão ou cidadã consciente e preparado(a) para a vida profissional e em sociedade. Use a *internet* com sabedoria!

## :: Sites

Há vários *sites* muito interessantes ligados direta e indiretamente ao tema, destacamos os nacionais:

### Marxists Internet Archive

Disponível em: [marxists.org](http://marxists.org). Acesso em: 16 jan. 2016. O *site* é uma oportunidade para acessar clássicos de análise crítica ao capitalismo. Podem ser encontrados textos tanto de Karl Marx quanto de seus principais intérpretes. Para quem deseja se aventurar em outros idiomas, há uma infinidade de textos disponíveis em várias outras línguas, entre elas o espanhol e o inglês. A pesquisa pode ser feita por tema ou por autor.

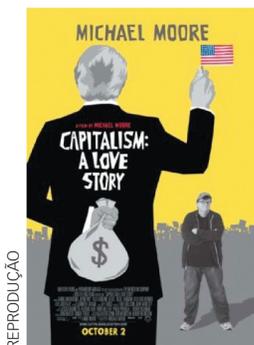
### Le Monde Diplomatique – Brasil

Disponível em: [diplomatie.org.br](http://diplomatie.org.br). Acesso em: 16 jan. 2016. Excelente publicação de origem francesa e com versões para vários países, inclusive o Brasil. É divulgado na modalidade impressa e digital. Propicia profundas análises sociais, econômicas, políticas e culturais por meio de uma linguagem jornalística. Documento essencial para quem deseja saber o que acontece no Brasil e no mundo.

**Ladislau Dowbor**

Disponível em: [dowbor.org](http://dowbor.org). Acesso em: 16 jan. 2016.  
Ladislau Dowbor é um dos mais importantes pensadores sociais em plena atividade. Professor titular no departamento de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutor em Ciências Econômicas, prestou consultoria a várias agências da Organização das Nações Unidas e governos de vários países, normalmente para a área de planejamento. É autor e coautor de cerca de 40 livros e inúmeros artigos. Toda a sua produção é oferecida gratuitamente em seu *blog*, bem como suas pesquisas e dicas culturais. Nos últimos tempos tem dedicado atenção especial à análise da atuação do capital financeiro. Contribuição imprescindível.

**:: Filmes**



REPRODUÇÃO

**Capitalism: a love story (Capitalismo: uma história de amor)**

Direção: Michael Moore.<sup>23</sup> Estados Unidos, 2009.

Reconhecido internacionalmente, o cineasta Michael Moore é famoso pelas polêmicas e críticas ao sistema político e econômico vigentes, sempre permeados por uma fina (e às vezes nem tanto) ironia. Neste trabalho, o autor

realiza uma reflexão a respeito do capitalismo pós-crise de 2008. Destacam-se os altos custos sociais impostos ao povo e aos trabalhadores dos Estados Unidos nessa fase, em que milhões de famílias perderam suas poupanças, empregos e moradias. Entre outras comparações e ponderações, compara-se o contexto social do país com os “anos dourados” do capitalismo pós-Segunda Guerra Mundial. Está disponível no Youtube.

**Se os tubarões fossem homens**

Autor: Bertold Brecht (1898-1956). Interpretação: Antônio Abujamra. Disponível em: [goo.gl/54kjnl](http://goo.gl/54kjnl). Acesso em: 16 jan. 2016.

Vale muito a pena assistir na internet aos programas de entrevistas de Antônio Abujamra, infelizmente falecido em 2015. Seu programa “Provocações” ainda é semanalmente exibido desde 2000 pela TV Cultura.

<sup>23</sup> Recomenda-se a leitura de seus livros e documentários. Em dezembro de 2015, lançou nos Estados Unidos e no Canadá (para as demais regiões será no início de 2016) sua produção mais recente: *Where to Invade Next*. Nesse filme, Michael Moore compara as precárias políticas sociais básicas de seu país com as de outras nações. Ou seja, como os Estados Unidos, na visão de Moore, possuem uma longa tradição de invadir militarmente outros territórios (como os mais recentes casos do Afeganistão e Iraque), deveriam também ao invadir roubar as boas ideias.

**Man**

Roteiro e direção: Steve Cutts. Inglaterra, 2012.  
A breve animação sintetiza em poucos minutos a trajetória do homem no planeta. Disponível em: [goo.gl/o3WtC8](http://goo.gl/o3WtC8). Acesso em: 16 jan. 2016.



REPRODUÇÃO

**:: Livros**

**Manifesto do Partido Comunista** ou simplesmente **Manifesto Comunista**.

Trata-se de um clássico da ciência política e da sociologia. Publicado pela primeira vez na Alemanha em 1848, seus autores são Karl Marx e Friedrich Engels. Há traduções em vários idiomas na Internet, inclusive em português, além de uma divertida versão em quadrinhos e até mesmo em formato de desenho animado. Foi escrito com linguagem simples para poder ser lido pelos trabalhadores e pelo povo em geral. No entanto, oferece análises com rigor e fundamentos científicos de crítica ao sistema capitalista.



REPRODUÇÃO

**Capa da primeira versão publicada em 1848, em Londres.**

Os dois livros a seguir não são de fácil leitura, mas é preciso saber que constituem os fundamentos do pensamento capitalista em sua origem e bases estruturais, vistas a partir de seus idealizadores e defensores nos séculos XVIII e XIX. Os seus professores poderão complementar outras questões vitais tratadas nos dois mencionados textos.

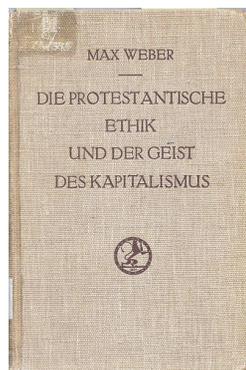
Fazemos ainda uma sugestão de leitura prévia e inicial para este Caderno 1 de Geografia Geral, e que certamente contribuirá para a compreensão de todas as outras ciências humanas e sociais: são os livros da renomada

*Coleção Primeiros Passos* da Editora Brasiliense. Sob o formato "O que é...", nela poderemos encontrar: *O que é Capitalismo, O que é Socialismo, O que é Comunismo, O que é Anarquismo*, entre inúmeros outros temas de várias áreas do conhecimento. Não deixe de ler!

### A ética protestante e o espírito do capitalismo

Escrito entre 1864-1920.

Conectando religião e economia, a obra é essencial para entender o sistema capitalista. O autor Max Weber, um dos pais da sociologia moderna, junto com Karl Marx e Émile Durkheim, estuda a relação entre as religiões protestantes e o desenvolvimento do sistema capitalista. Ao contrário do catolicismo romano, em que o lucro era (ou é?) considerado um "pecado", no protestantismo tratava-se de uma virtude. Essa é uma das explicações de sentido "cultural" para as diferentes origens de capitalismo entre a protestante América do Norte, especialmente os Estados Unidos, e a católica América Latina.

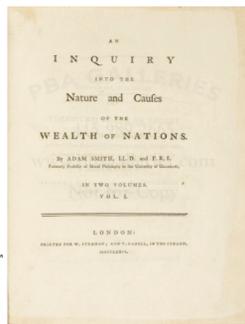


Capa da edição alemã de 1934.

REPRODUÇÃO

### A riqueza das nações

Publicado pela primeira vez em 1776, na Inglaterra, e escrito por Adam Smith, o livro é considerado a base teórica inicial do capitalismo ou liberalismo econômico e até mesmo do próprio pensamento econômico contemporâneo. Devemos notar que no mesmo ano foi igualmente publicada a "Declaração da Independência dos Estados Unidos"; em 1789 iniciava-se a Revolução Francesa, bem como ocorria a primeira fase da Revolução Industrial Inglesa por volta de 1760.<sup>24</sup> Todos esses são eventos que indicavam o amadurecimento do sistema capitalista ao transitar de sua fase comercial para a industrial. Segundo Adam Smith, quanto menos intervenção do Estado houver na sociedade, tanto



REPRODUÇÃO

Página da primeira edição de *Wealth of Nations* (A riqueza das nações).

melhor será seu funcionamento e, portanto, a vida das pessoas. Não deveria haver, de acordo com o economista escocês, interferência na relação entre indivíduos ou empresas que compram e vendem, sejam eles bens, serviços ou mão de obra. Quer dizer, relacionam-se no mercado. Por isso, como já debatemos, o capital(ismo) é relação social. Se, por exemplo, um indivíduo (ou empresa) pensar somente em seu próprio benefício, acabará oferecendo o melhor, no mercado, para que justamente continue a vender e a lucrar. Beneficiam-se, portanto, todos: indivíduos e empresas, compradores e vendedores. Logo, se o Estado "intrometer-se" nas livres relações propiciadas no mercado, elas ocorrerão de maneira imperfeita, o que acarretará problemas na sociedade.

## ÁGORA

O capital não é uma coisa. É um processo que só existe em movimento.

**David Harvey,**  
geógrafo britânico.

Considerando o texto desta aula, o que Harvey quis dizer na frase acima? Qual a relação dela com o conceito de espaço geográfico, paisagem, ideologia e poder? Enfim, como podemos definir capital? Discuta esse tema essencial para o debate geográfico com seus colegas e com seu professor.

<sup>24</sup> As aulas de História e Sociologia poderão ajudar muito no tratamento dessas questões.



**SENHA**

o capital financeiro é hegemônico na atual fase do capitalismo globalizado

A maioria dos principais analistas, estudiosos e autores das ciências sociais e economistas entende que o capital financeiro é hegemônico na atual fase do capitalismo globalizado, tanto os que o criticam quanto seus defensores. O fato, como vimos nestas duas aulas,<sup>25</sup> é a extrema concentração de riqueza nas mãos de poucos. Realidade atestada pelo Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização das Nações Unidas (ONU), Fórum Econômico Mundial e inúmeras outras entidades globais e pesquisadores internacionalmente reconhecidos.

Como isso afeta o espaço geográfico? Quais os impactos nas políticas públicas e na gestão das cidades? Isso tem a ver com a sua vida? De que maneira? Há alternativas? Como poderiam ocorrer na prática? Mudanças são possíveis ou somos apenas espectadores?

---

<sup>25</sup> Ler também as aulas 1 e 2 do Caderno 1 de Geopolítica: "Globalizações".



REPRODUÇÃO



A natureza fez o homem feliz e bom, mas a sociedade deprava-o e torna-o miserável.

Jean-Jacques Rousseau, filósofo francês.

### Os utópicos

Os conceitos, ideias, pensamentos e definições atualmente debatidos, estudados e utilizados como estratégia governamental ou políticas públicas por alguns governos “de esquerda” são legados diretos do chamado socialismo científico, o qual exploraremos na sequência. Porém, antes desse formato contemporâneo existiram, entre aproximadamente os séculos XVIII e a primeira metade do XIX, os socialistas utópicos.

A palavra **utopia**, originária do livro homônimo de Thomas More (1478-1535), remete a um lugar ou algo que não existe ou não pode ser alcançado. Adotam, os ditos socialistas utópicos, os mesmos fundamentos do socialismo em geral, mas foram considerados ingênuos em seus meios e na estruturação teórica. Entretanto, essa versão pode ser contestada na medida em que o título “utópico” não teria sido utilizado pelos próprios pensadores dessa vertente do socialismo (Saint-Simon, Charles Fourier, Louis Blanc e Robert Owen), mas sim por seus críticos.<sup>1</sup>

É verdade que em termos de elaboração teórica os pais do socialismo científico, Karl Marx e Friedrich Engels, criaram, no conjunto de suas obras, um suporte muito mais consistente, sofisticado e abrangente; o que não invalida a proposta e a essência filosófica dos que os antecederam. Mesmo porque certamente os socialistas científicos fizeram também uso dos “utópicos” para que pudessem dar novos saltos e atingir o refinado nível teórico que alcançaram.

De maneira geral, os **socialistas utópicos** pretendiam atingir seus objetivos, a sociedade socialista (igualitária), por meio de pequenas empresas; cooperativas; créditos e assistência aos trabalhadores; comunidades agroindustriais autônomas; propriedades coletivas; associações

profissionais de trabalhadores; e distribuição justa da riqueza. Como poderá ser lido logo a seguir, até certo ponto o **socialismo utópico** possui também algumas semelhanças com o **anarquismo**, particularmente no que se refere às concepções de autogestão dos trabalhadores.

A despeito das diferenças com o **socialismo científico**, a meta final é a mesma: a fundação de uma sociedade não capitalista em que não houvesse a propriedade privada dos meios de produção e a divisão entre classes sociais.

A grande pergunta que fica é: o socialismo, seja o chamado utópico ou não, seria uma utopia ou um “lugar” que pode ser atingido?

## Socialismo científico

Sintetizar as amplas e complexas contribuições de Marx e Engels não é tarefa fácil. A possibilidade de cair na excessiva simplificação ou na supressão de conceitos essenciais é muito grande. Mas talvez possamos começar por um raciocínio de oposição: uma sociedade socialista é aquela em que os meios de produção não possam ser propriedade privada de uma pessoa ou de uma organização, seja uma empresa ou não. Justamente o contrário do que determina o capitalismo. No socialismo, a propriedade dos meios de produção é coletiva, pública, e deve pertencer a todos e todas.

Em muitas das sociedades primitivas, há milênios, ou ainda em boa parte das sociedades indígenas da atualidade, as ferramentas destinadas à produção, os instrumentos utilizados para proteção e a terra onde vivem são propriedades coletivas, de todo o conjunto de habitantes daquele grupo. Um nativo, por mais capaz e trabalhador que seja, não poderá apossar-se tanto de meios de produção quanto de produtos socialmente produzidos. Até mesmo objetos

<sup>1</sup>Friedrich Engels, companheiro intelectual de Karl Marx, publicou em 1880 o livro *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, quando, principalmente, diferencia os dois modelos.

produzidos de modo individual podem ser apropriados coletivamente, a depender de sua importância de uso social para o grupo. Por exemplo, um arco, produzido de modo individual, poderia ser apropriado individualmente, mas uma plantação não: apesar de exigir o trabalho individual, possui relevância social. Aos índios pareceria absurda a ideia de propriedade privada da terra, porquanto não é a terra que lhes pertence, mas sim eles é que pertencem à terra. Ela é o local onde viveram seus antepassados, onde sua cultura foi criada e será mantida, onde retiram os recursos para viver e onde viverão as próximas gerações. É como se o território fosse uma extensão de seus corpos, de suas vidas e de seu povo: não pode ser vendido ou trocado por nada, mesmo por outra terra considerada “com maior valor de mercado”.

## Socialismo e comunismo

Karl Marx, elaborador das teorias socialistas e comunistas de maior prestígio, viveu no século XIX e, junto com Friedrich Engels, produziu obras clássicas para várias ciências, entre elas história, sociologia, política e economia e com repercussão em praticamente todos os outros campos das áreas de humanas e sociais. Em seus textos, desenvolveu profundas análises, sempre com um intenso fundo filosófico, pretendendo, de igual modo, produzir teorias que levassem à ação. Conforme afirmava: levassem à ação revolucionária para a mudança da sociedade capitalista em socialista e desta à sociedade comunista.

É importante estabelecermos a diferença basilar entre estas duas últimas formas de organização social. Na primeira, socialista, seria exatamente uma fase de transição para o comunismo. Seria praticada em escala nacional, ou seja, por países. Já nesse momento a propriedade privada dos meios de produção seria abolida e se tornaria estatal. O Estado, por sua vez, não deveria se converter em um grupo privilegiado por concentrar os meios de produção, mas sim obrigatoriamente organizar a sociedade para que ela viesse a não precisar do próprio Estado, partindo, assim, ao comunismo. O Estado no socialismo, portanto, teria o papel fundamental de educar o povo e os trabalhadores para que pudessem ordenar e controlar a si próprios: autogestionando-se. Nesse sentido, o socialismo e o comunismo igualam-se ao anarquismo.<sup>2</sup> No socialismo ainda haveria classes sociais, mas com a negação do capitalismo; já no comunismo, elas desapareceriam.

## :: Conceitos

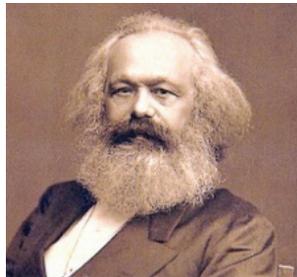
Há vários outros conceitos essenciais para o marxismo (e por consequência para o socialismo científico), vejamos alguns dos principais:

- **Burguesia:** classe social detentora dos meios de produção que, para produzir, compra, em troca de um salário, a mão de obra dos trabalhadores.
- **Proletariado:** classe social detentora somente de seu próprio corpo, ou seja, de sua força de trabalho que, por nada mais possuir, a vende ao burguês (capitalista) em troca de um salário.
- **Ditadura do proletariado:** não se deve confundir esse conceito utilizando-o para justificar violência e autoritarismo cometidos pelo Estado declarado socialista. Marx entendia que entre o capitalismo e o comunismo haveria uma fase de transição, o socialismo. Nesse período, a aludida **ditadura do proletariado** deveria ser sinônimo de “ditadura” da maioria. Em outras palavras, o poder caberia de fato ao trabalhador e ao povo para, no ir fazendo, aprenderem a se autogovernar. Na verdade, um regime próximo à **democracia direta** e não mais à democracia representativa em que se elege alguém, com um mandato predeterminado, para decidir em nome de um grande grupo. O uso da repressão e da coerção por parte do Estado igualaria um “governo socialista” a um “governo capitalista”.
- **Luta de classes:** é a disputa entre diferentes classes sociais, ao longo da história, por possuírem interesses antagônicos. Quer dizer, é o conflito de integrantes de uma determinada classe social por ser economicamente explorada por outra. No capitalismo, é o embate entre burgueses e proletários.
- **Exército industrial de reserva:** é a manutenção permanente de um percentual de trabalhadores desempregados na sociedade capitalista para forçar o rebaixamento constante dos salários e o enfraquecimento da luta dos trabalhadores.
- **Infraestrutura e superestrutura:** todas as sociedades são compostas por uma base econômica (infraestrutura) e superestruturas que por ela são fortemente influenciadas e voltam a influenciar a base. Há dois tipos de superestrutura: a jurídico-política e a ideológico-cultural. Na primeira está toda a organização estatal, legal e judicial. Nela, por exemplo, o Estado tem o poder da força, da repressão. Há todo um aparato normativo para garantir o funcionamento da base econômica, em que efetivamente ocorre a exploração do trabalho, gerando a mais-valia. Vemos

<sup>2</sup> Leia a seguir “Anarquismo é desordem?”.

isso de maneira clara quando a polícia reprime as manifestações de movimentos sociais ou trabalhadores em greve. A outra superestrutura cuida das ideias, isto é, refere-se a todos os ambientes sociais (escola, televisão etc.) construídos para a aceitação e desconhecimento, por parte do povo e do trabalho, de sua condição de explorado. Quer dizer, tentar evitar que os cidadãos protestem, reivindiquem e critiquem qualquer circunstância injusta provocada pelo sistema. Assim, desconhecendo sua verdadeira situação, não a combaterá.

— **Mais-valia:** termo pertencente a um complexo conjunto de teorias econômicas de Marx, presente em uma de suas obras mais relevantes (*O capital*), também por isso mesmo fruto de muita polêmica. A **mais-valia**, concisamente, é o



REPRODUÇÃO

**Karl Marx, primeiro e principal teórico do socialismo científico.**

valor produzido pelo trabalhador e não pago a ele em seu salário. Por exemplo, um operário que trabalhe 8 horas por dia, 22 dias por mês, produzindo o equivalente a R\$ 100,00 por hora terá gerado ao capitalista R\$ 17.600,00. Recebendo um salário de R\$ 1.000,00; o valor extra ou *mais valor* não retornado a quem de fato produziu, o trabalhador, será de R\$ 16.600,00. O lucro propriamente dito, do capitalista, é a diferença entre o montante da mais-valia e todos os outros valores que devem ser pagos e envolvem a produção.

## :: Anarquismo é desordem?

Por vários motivos, alguns não planejados e outros nem tanto, muitas vezes a palavra “anarquia” ou “anarquismo” é associada a bagunça, desordem ou confusão. Todavia, ao menos seu significado sociológico e político nada tem a ver com os sentidos apontados. Trata-se de uma filosofia teórica e prática relacionada à constituição de um tipo diferente de organização econômica e sociopolítica das sociedades e até mesmo de comportamentos e hábitos. Como qualquer outro pensamento estrutural, possui várias vertentes e diferentes formas de interpretação, englobando igualmente várias áreas da ciência, como a psicanálise, a literatura, as ciências econômicas, entre outros setores.

Substancialmente, os propósitos finais do anarquismo são os mesmos do socialismo e do comunismo: alcançar uma sociedade sem classes sociais, não capitalista e sem a propriedade privada dos meios de produção. A diferença entre as duas formas de pensamento está em como atingir tais objetivos. Para o socialismo científico, o partido político e o Estado seriam o caminho para a conquista da sociedade socialista e depois comunista. Para os anarquistas não. Segundo defendem, partidos e governos são organizações verticais e autoritárias, o que impediria, enquanto meio, a ascensão a uma sociedade igualitária, solidária e horizontal. O princípio fundamental do anarquismo é a **autogestão** e a **ação direta**. De acordo com os anarquistas, homens e mulheres têm a capacidade de administrar a própria vida, tanto a organização política da sociedade em geral como dos empreendimentos econômicos. Não há a necessidade de um Estado e de governantes ou de líderes partidários que, “representando” a maioria, governem em nome da maioria: a maioria pode se autogovernar. Para a gestão das empresas vale o mesmo raciocínio: os próprios trabalhadores podem gerenciar e conduzir os negócios, sem um intermediário, o patrão. Afinal de contas, a sociedade, as empresas e tudo o que existe é produzido e construído pelo povo e pelos trabalhadores. Para os anarquistas não é possível romper com o autoritarismo, seja ele de cunho econômico ou político, agindo autoritariamente. Em razão de tais posições é previsível que os anarquistas fossem, e o foram, repelidos tanto pelos socialistas e comunistas (ao menos uma parte deles) quanto, especialmente, pelos capitalistas.

No Brasil, entre seus anarquistas mais famosos e contemporâneos está Roberto Freire. Psiquiatra, escritor e pesquisador científico, faleceu em 2008, tendo deixado um importante conjunto literário, além de também ter criado a **somaterapia**. Ela constitui uma forma alternativa de terapia fundamentada na linguagem corporal e verbal, cujos pressupostos estão respaldados no psicanalista Wilhelm Reich, nos princípios anarquistas, na antipsiquiatria e outras fontes. O grupo herdeiro das ideias de Roberto Freire publica no Brasil, por meio da Editora Casa Amarela, a revista mensal *Caros Amigos*.

A lista de outros anarquistas proeminentes seria longa, por isso ilustramos somente alguns: Proudhon, Mikhail Bakunin, Enrico Malatesta, Emma Goldman, Francisco Ferrer y Guardia, Murray Bookchin, Diego Abad de Santillán, William Godwin e José Oiticica (poeta brasileiro).



REPRODUÇÃO

**Mikhail Bakunin.**

821-1

## :: As experiências socialistas

São inúmeras as experiências socialistas ou de cunho comunista que podemos citar. Sublinhamos alguns dos eventos contemporâneos mais significativos e emblemáticos:

- **Comuna de Paris:** ocorrido em 1871, apesar de ter durado pouco tempo, é considerado o primeiro governo socialista da história.
- **Revolução Russa de 1917:** ao derrubar o governo czarista, os revolucionários bolcheviques, liderados por Lenin, criaram o primeiro, e maior, país socialista. Formou-se então a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS. Ao longo de décadas e de governos extremamente violentos e ditatoriais, como o de Josef Stalin, sucumbiu à decadência econômica e ao totalitarismo. Foi extinta em 1991 durante a gestão de Mikhail Gorbachev com a aplicação da *glasnost* (transparência política) e da *perestroika* (reforma econômica). No entanto, a experiência soviética alcançou, não se pode deixar de mencionar, certo nível de desenvolvimento social, conforme resultados obtidos nos setores educacional e científico. Principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial e até 1989, com a simbólica queda do muro de Berlim, um grande conjunto de países do Leste Europeu adotou o que se chamava de socialismo, constituindo o **bloco socialista**. Juntos com a URSS, protagonizaram os embates da Guerra Fria contra os Estados Unidos e o **bloco capitalista**.

- **Cuba:** em 1º de janeiro de 1959 um grupo de guerrilheiros comunistas, liderado por Fidel Castro, Raúl Castro, Ernesto Che Guevara e Camilo Cinfuegos, expulsou o ditador Fulgencio Batista do poder. Desde então, e até o presente momento, instalou no país o primeiro governo socialista na América Latina.
- **China:** começando sua revolução em 1949 com Mao Tse-tung, a China continua declarando-se socialista. No entanto, é difícil aceitar tal denominação. É muito mais plausível afirmar que se trata, sim, de um dos principais países capitalistas da atualidade. Por exemplo, desde 2011, possui o maior PIB industrial, superando o dos Estados Unidos. Espalha rapidamente suas várias empresas transnacionais por todo o planeta, além de inundar o mundo com seus produtos manufaturados. Funciona e comporta-se, na prática, como um país eminentemente capitalista.

Existiram muitos outros países que se autocalificaram como socialistas ou comunistas, a maior parte deles, senão todos, resumiram-se a ditaduras sanguinárias para garantir poder e riqueza a poucas famílias e pequenos grupos.

Em conclusão, diversos dos casos referidos, ao menos os que tiveram repercussão considerável, estão discutidos pormenorizadamente em várias outras aulas distribuídas não só nos demais cadernos de geografia geral, mas também nos de geopolítica e história geral. Isso posto, para aqui não sermos repetitivos, recomendamos a leitura de tais materiais.

## EXERCÍCIOS

### 1. (Unesp)

As duas guerras mundiais cortaram boa parte dos vínculos econômicos entre os países. Depois de 1945, a economia capitalista recuperou, pouco a pouco, seu alcance mundial, num processo conduzido, principalmente, pelas empresas multinacionais. A partir do final da década de 1980, o cenário econômico mundial passou por profundas transformações. Dentre elas, a ascensão ao poder, nos dois países mais importantes do mundo capitalista, do presidente norte-americano Ronald Reagan e da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher. Suas ações políticas atacaram os direitos trabalhistas e os benefícios sociais, em prejuízo da maioria da população. O objetivo era aumentar a parcela da riqueza nacional em mãos dos capitalistas. A desigualdade social se acentuou.

As empresas estatais foram quase todas privatizadas e o controle do Estado sobre as companhias particulares foi reduzido ao mínimo. Outra mudança importante neste período foi o fim do comunismo soviético, em uma sequência de eventos que tem como marco a queda do Muro de Berlim, em 1989. A Guerra Fria terminou, com a vitória indiscutível do capitalismo.

**FUSER, Igor.**

*Geopolítica: o mundo em conflito*, 2006. Adaptado.

O texto enfatiza a ascensão ao poder de líderes políticos partidários

- a) do socialismo.
- b) do neoliberalismo.
- c) do comunismo.
- d) do fascismo.
- e) da social-democracia.

2. (FGV) O movimento de owenismo (Robert Owen), no chamado socialismo utópico do século XIX, caracterizou-se por:
- pretender a conquista do poder imediatamente e por meio da luta armada.
  - pretender destruir o sistema capitalista, por sua paralisação por uma greve universal e de duração indeterminada.
  - pretender a criação de comunidades-modelo, a base da cooperação, nas quais não haveria a instituição do lucro.
  - pretender chegar ao socialismo, por meio de barganhas entre a cúpula sindical e os representantes dos patrões, unicamente.
  - sustentar que havia o capitalismo em virtude de os homens terem sido condenados à miséria terrena, sendo o mundo celestial socialista, daí a abdicação de qualquer movimento de rebelião ou greve.



## ESTUDO ORIENTADO



Caro(a) aluno(a),

Seguindo a mesma lógica das duas aulas anteriores, agora na aula 3, nossos objetos são as definições de “socialismo” e “comunismo”. Convivendo e contrapondo-se ao capitalismo, em alguns momentos históricos chegou a parecer que desapareceriam por completo enquanto possibilidade teórica e prática. Depois, ressurgiram. Em outros períodos assemelharam-se muito ao que de pior oferece o capitalismo: a criação de pequenas castas isoladas, verdadeiras elites depositárias de todos os benefícios e vantagens.

Nesta aula, buscamos mostrar não só uma abordagem teórica para termos clareza do que se está falando, mas também instigar a reflexão a respeito das eventuais possibilidades alternativas de organização da sociedade. É justamente essa capacidade de crítica, impossível sem a constante prática e elevado nível de informações, que pretendemos oferecer, acompanhando o que é cobrado não só pelos processos seletivos das universidades, mas também durante a realização do curso superior em qualquer área do conhecimento.

**Bons estudos e continue se divertindo!**



## EXERCÍCIOS

1. (UERJ)

Os anarquistas, senhores, são cidadãos que, em um século em que se prega por toda a parte a liberdade das opiniões, acreditam ser seu dever recomendar a liberdade ilimitada. [...] Os anarquistas propõem-se, pois, a ensinar ao povo a viver sem governo, da mesma forma como ele começa a aprender a viver sem Deus.

**VOILLIARD, Odette et al.**

*Declaração dos Anarquistas, 1883.*

Documents d'Histoire Contemporaine (1851-1971). Paris: Armand Colin, 1964.

No texto acima, está apresentado o seguinte princípio do anarquismo:

- rejeição do poder instituído, negando a necessidade do Estado.
- recusa das eleições, substituindo-as pelo sindicalismo revolucionário.
- fim do Estado e da Igreja, pregando sua substituição por ações de um cooperativismo associacionista.
- superioridade da ação profissional sobre a da política, buscando a independência dos partidos políticos.

2. (FGV)

O maior drama histórico contemporâneo reside no abismo entre a atualidade da necessidade de superação do capitalismo e a regressão nas condições da implantação dessa superação. A passagem, dentro do capitalismo, do modelo regulador para o neoliberal e a passagem do mundo bipolar para o unipolar, com o fim do chamado *campo socialista*, geraram esse abismo.

**SADER, Emir.**

*Caros Amigos.*

jul. 2006. Ano X, n. 112.

São exemplos do quadro político e econômico descrito nesse parágrafo:

- a) as atuais políticas públicas implantadas por países pobres que, em sua maioria, conseguiram resolver problemas sociais, como os de educação e saúde, resultados que não foram conquistados por países socialistas.
- b) a permanência do modelo centralizador da economia por parte do Estado, por meio das novas agências reguladoras pós-privatizações, tal como ocorre no Brasil nos setores de comunicação e energia, por exemplo.
- c) o fim do mundo bipolar, característico do período da Guerra Fria, considerado como um modelo neoliberal entre os países capitalistas e, com o fim desse período, as economias mais ricas passaram a adotar políticas intervencionistas sobretudo nas grandes corporações financeiras.
- d) a formação do mundo unipolar exemplificado na atualidade pelo acordo entre os países europeus – a União Europeia. Prova disso é o ingresso de nações que adotavam o socialismo e que hoje são neoliberais e utilizam a moeda única do bloco – o Euro.
- (e)** a adoção, por países capitalistas da semiperiferia industrializada, de políticas neoliberais, principalmente na última década do século XX, estratégia que já havia sido adotada pelos países capitalistas mais ricos.

3. (PUC/MG) O chamado socialismo científico, formulado por Marx e Engels no século XIX, propunha:

- (a)** a superação do capitalismo pela ação revolucionária dos trabalhadores, aglutinados em torno da Internacional Socialista.
- b) a redução do papel do Estado na economia para efetivar o controle direto pelo proletariado sobre os meios de produção.

- c) a supressão de toda legislação trabalhista e social, tida como mecanismo de alienação e cooptação do proletariado.
- d) a realização de sucessivas reformas na estrutura capitalista, possibilitando a gradativa implantação do comunismo avançado.

4. (UFFRJ)

Em 1921, o problema nacional central era o da recuperação econômica – o índice de desespero do país é eloquente: naquele ano, 36 milhões de pessoas não tinham o que comer. Nas novas e ruinosas condições da paz, o “comunismo de guerra” revelava-se insuficiente: era preciso estimular mais efetivamente os mecanismos econômicos da sociedade. Assim, ainda em 1921, no X Congresso do Partido, Lenin propõe um plano econômico de emergência: a Nova Política Econômica.

**NETO, José Paulo.**

*O que é stalinismo.*

São Paulo: Brasiliense, 1981.

Sobre a chamada Nova Política Econômica, é correto afirmar que:

- a) ela reintroduziu práticas de exploração econômica anteriores à Revolução Russa de 1917, que se traduziram em um abandono temporário de todas as transformações socialistas já feitas e em um retorno ao capitalismo.
- (b)** ela consistiu na manutenção de elementos econômicos socialistas, na organização da economia (como o planejamento) e na permissão para o estabelecimento de elementos capitalistas por meio da livre-iniciativa em certos setores.
- c) ela significou fundamentalmente uma reforma agrária radical que promoveu a coletivização forçada das propriedades agrárias e a construção de fazendas coletivas, os Kolkhozes.
- d) seu resultado foi catastrófico, mesmo permitindo a volta controlada de relações capitalistas na economia, já que ela ampliou ainda mais o nível de desemprego e produziu fome em grande escala.
- e) ela significou, com a abertura para o capitalismo, um aumento substancial da produção industrial, mas, ao mesmo tempo, por terem retirado todos os incentivos anteriormente concedidos à produção agrícola, foi a razão da ruína do campo.

5. (FGV) Com base no materialismo histórico de Karl Marx, o estudo da sociedade deve ter como ponto de partida
- uma ideia ou conceito previamente fixado pelo pesquisador.
  - o entendimento das intenções subjetivas dos atores sociais.
  - as ideias da classe dominante e sua relação de dominação com a sociedade.
  - d)** a análise das relações do homem com a natureza e das relações entre homens na atividade produtiva.
  - o comportamento humano diante dos problemas nascidos nas relações familiares.



### RODA DE LEITURA

O pensador francês Yves Lacoste é um dos mais talentosos geógrafos da atualidade. Em sua longa carreira como professor e pesquisador, produziu obras fundamentais para a compreensão da ciência geográfica, concentrando-se em seus significados políticos velados. Os trechos a seguir pertencem a um de seus livros mais importantes: *A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.*

Na verdade, a função ideológica essencial do discurso da geografia escolar e universitária foi sobretudo a de mascarar por procedimentos que não são evidentes a utilidade prática da análise do espaço, sobretudo para a condução da guerra, como ainda para a organização do Estado e prática do poder. E sobretudo quando o discurso geográfico parece “inútil”, exerce a função mistificadora mais eficaz [...]. A sutileza foi a de ter utilizado um saber estratégico militar e político como se fosse um discurso pedagógico ou científico perfeitamente inofensivo. [...] Ela (a geografia) continua a ser como há séculos, um temível instrumento de poder. Esse conjunto de representações cartográficas e de conhecimentos bem variados, visto em sua relação com o espaço terrestre e nas diferentes formas de práticas do poder, forma um saber claramente percebido como estratégico por uma minoria dirigente, que a utiliza como instrumento de poder.

À geografia dos oficiais decidindo com o auxílio das cartas a sua tática e a sua estratégia, à geografia dos dirigentes do aparelho de Estado, estruturando o seu espaço em províncias, departamentos, distritos, à geografia dos exploradores (oficiais, frequentemente) que prepararam a conquista colonial e a [...] geografia

dos estados-maiores das grandes firmas e dos grandes bancos que decidem sobre a localização de seus investimentos em plano regional, nacional e internacional.

Essas diferentes análises geográficas, estreitamente ligadas a práticas militares, políticas, financeiras, formam aquilo que se pode chamar “a geografia dos estados-maiores”, desde os das forças armadas até os dos grandes aparelhos capitalistas.

Mas essa geografia dos estados-maiores é quase completamente ignorada por todos aqueles que não a executam, pois suas informações permanecem confidenciais ou secretas.

A guerra do Vietnã forneceu numerosas provas de que a geografia serve para fazer a guerra de maneira a mais global, a mais total. Um dos exemplos mais célebres e mais dramáticos foi a execução, em 1965, 1966, 1967 e sobretudo em 1972 de um plano de destruição sistemática da rede de diques que protegem as planícies densamente povoadas do Vietnã do Norte: elas são atravessadas por rios caudalosos, com terríveis cheias que escoam não por vales, mas, ao contrário, sobre elevações, terraços, que são formados por seus aluviões. Esses diques, cuja importância é, de fato, absolutamente vital, não poderiam ter sido objeto de bombardeamentos maciços, diretos e evidentes, pois a opinião pública internacional ali teria visto a prova da perpetração de um genocídio. Seria preciso, portanto, atacar essa rede de diques, de forma precisa e discreta, em certos locais essenciais para a proteção de alguns quinze milhões de homens que vivem nessas pequenas planícies, cercadas por montanhas. Era necessário que esses diques se rompessem nos lugares em que a inundação teria as mais desastrosas consequências. A escolha dos locais que era preciso bombardear resulta de um raciocínio geográfico, comportando vários níveis de análise espacial. Em agosto de 1972, foi pela elaboração de um conjunto de raciocínios e de análises que são especificamente geográficas que eu pude demonstrar, sem ter sido contraditado, a estratégia e a tática que o Estado-maior americano executava contra os diques. Se foi um procedimento geográfico que permitiu desmascarar o Pentágono, isso se deu exatamente porque sua estratégia e sua tática se alicerçavam essencialmente sobre uma análise geográfica. Coube a mim reconstituir, a partir de dados eminentemente geográficos, o raciocínio elaborado para o Pentágono por outros geógrafos (“civis” ou de uniforme, pouco importa).

**Você acredita que o ensino da Geografia no Brasil está ou esteve submetido à função ideológica anunciada no**

texto? Em termos gerais, mesmo outras disciplinas, e não só as humanas e sociais, podem elas serem utilizadas com interesses ideológicos de grupos específicos? É possível haver conhecimento desvinculado de qualquer proposta ideológica? Há relações entre a escola e o sistema político seguido em determinada sociedade? É possível o ensino estar a serviço da maioria? Como, na prática, isso poderia se efetivar?



## NAVEGAR

Não é um excesso sublinhar que há muitas opções na Internet, e entre elas, uma grande parte está em inglês e espanhol. Não há o que lamentar, mas sim ter mais um motivo para quem não domina dois dos principais idiomas na atualidade aprendê-los. No caso do inglês, gostemos ou não, é uma língua hegemônica e que ainda, por muito tempo, continuará dominando todos os principais campos: tecnologia, ciências em geral, política, economia, negócios etc. Destacamos alguns *sites* para quem deseja se aventurar no idioma anglo-saxão e concomitantemente acessar conhecimentos práticos sobre a realidade baseados em teorias de fundo liberal ou socialista: [foreignaffairs.com](http://foreignaffairs.com), [democracynow.org](http://democracynow.org), [wsws.org](http://wsws.org), [adamsmith.org](http://adamsmith.org), [foreignpolicy.com](http://foreignpolicy.com), [aljazeera.com](http://aljazeera.com), [newleftreview.org](http://newleftreview.org), [levyinstitute.org](http://levyinstitute.org) etc.

## :: Sites

### Outras palavras – Comunicação compartilhada pós-capitalismo

Disponível em: [outraspalavras.net](http://outraspalavras.net). Acesso em: 16 jan. 2016. Além de informações, oferece análises de primeira qualidade tanto do contexto nacional quanto de vários outros países.

### El País – O jornal global

Disponível em: [brasil.elpais.com](http://brasil.elpais.com). Acesso em: 16 jan. 2016. Jornal diário espanhol, mas com versão digital para o português brasileiro. De tendência social-democrata, disponibiliza opiniões e informações relacionadas a várias áreas e regiões.

## :: Filmes

### Como desestabilizar uma nação

Estúdios Walt Disney. Estados Unidos, 1943. Embora atualíssimo, trata-se de um desenho animado produzido na década de 1940. Oferece uma análise crítica das relações sociais e políticas contemporâneas, evidenciando estratégias de dominação. Disponível em: [goo.gl/oV48n0](http://goo.gl/oV48n0). Acesso em: 16 jan. 2016.



REPRODUÇÃO

### Um Rei em Nova York

Produção e direção: Charles Chaplin. Inglaterra, 1957. Apesar de não ser uma de suas obras mais divulgadas, é tão boa ou melhor do que as mais conhecidas. Trata-se de uma crítica ao *macarthismo* (Estados Unidos, 1950-1957) quando se perseguiu lideranças e personalidades consideradas comunistas, bem como ao consumismo e ao *american way of life*.<sup>3</sup> Nos Estados Unidos, o filme foi exibido pela primeira vez somente em 1973.



REPRODUÇÃO

Outro vídeo muito interessante para a compreensão dos temas deste caderno é o debate ocorrido em 1985 entre dois ícones do pensamento social e político no Brasil: Luís Carlos Prestes e Roberto Campos. O primeiro (chamado de o Cavaleiro da Esperança pelo escritor Jorge Amado) liderou um famoso movimento que levou seu nome, Coluna Prestes,<sup>4</sup> tendo sido ainda senador entre 1946 e 1948, secretário-geral do Partido Comunista do Brasil e marido da também militante comunista Olga Benário.<sup>5</sup> Durante década

<sup>3</sup> Estilo de vida e comportamento social característico dos Estados Unidos.

<sup>4</sup> Movimento político-militar de resistência na primeira década dos anos 1920. Contestava a "República Velha" e exigia políticas sociais básicas à população, entre elas a educação. Em sua marcha, percorreu aproximadamente 25 mil quilômetros no interior do território brasileiro com um grupo fixo de cerca de 200 homens.

<sup>5</sup> Sobre essa personagem da política brasileira vale a pena ler a biografia de Fernando Morais, publicada em 1994 pela editora Companhia das Letras.

das no Brasil, Prestes foi a principal liderança de esquerda. Por outro lado, Roberto Campos notabilizou-se pela defesa do liberalismo ao longo de sua vida. Além de professor, exerceu os cargos de diplomata, deputado federal, senador e ministro do Planejamento no governo Castelo Branco (o primeiro da ditadura militar brasileira). Foi apelidado de Bob Fields pelos adversários por conta de sua proximidade e crença nos ideais do capitalismo estadunidense. No referido debate, cada um deles defendia, respectivamente, o comunismo e o capitalismo. Apesar de alguns posicionamentos teóricos hoje defasados, a mesa-redonda é muito importante tanto pelo que representam os participantes, mas igualmente pela importância histórica do encontro, além, é claro, das definições básicas a respeito dos conceitos em questão. Entre as ideias superadas estão a “inexorabilidade do socialismo”, argumentada por Prestes. Ou seja, para ele *necessariamente* o socialismo seria o próximo sistema a substituir o capitalismo. Nesse sentido, existiria um certo fatalismo histórico, um “trem da história”. Entretanto, nada está predeterminado, o futuro da sociedade, como de nossa vida individual, não está escrito. O socialismo ou outro sistema, aquilo que vai ou não ocorrer dependerá de nossas ações pessoais e coletivas. Já para Campos, não existia capitalismo no Brasil. Quer dizer, não existia um capitalismo “puro”, mas sim um “pré-capitalismo” ou um capitalismo incompleto. Esse raciocínio desconsidera o capitalismo enquanto um sistema global interdependente. Isto é, não há países capitalistas isolados, todos estão conectados não só entre si, mas entre outros tipos de agentes, como as empresas transnacionais.<sup>6</sup> Portanto, o “sucesso” de um capitalismo existente em um país, considerado mais “puro”, depende também das relações deste com outras regiões e nações. O espaço geográfico global é a soma ou o conjunto da articulação entre várias localidades: o capitalismo (como qualquer outro sistema existente na história da humanidade) se instala de maneira desigual, mas que se completa ao formar o todo. Não há a possibilidade da existência de sistemas isolados nos países.<sup>7</sup> Além disso, há a questão histórica. Em alguns países, o capitalismo se instalou primeiro, como nos Estados Unidos e em boa parte da Europa Ocidental. Em outros, como o Brasil e a América Latina, tardiamente. Quer dizer, estes últimos acabaram se colocando, mundialmente, de maneira secundária: exportadores de riquezas naturais e matérias-primas às nações centrais mais industrializadas e produtoras de tecnologia avançada. Logo, não há como serem igualmente “puros”. Disponível em: [goo.gl/C1ilB0](http://goo.gl/C1ilB0). Acesso em: 16. jan. 2016. TV Educativa, Rio de Janeiro, 1985, Tribunal do Povo.

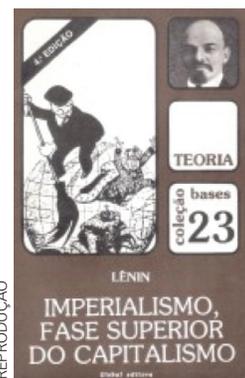
<sup>6</sup> Ler Caderno 1 de Geopolítica: “Globalizações”.  
<sup>7</sup> Idem nota de rodapé 6.

## :: Livros

Geógrafo internacionalmente reconhecido, o britânico David Harvey é autor de vários livros, entre eles *Para entender O Capital: Livro I*, de 2013, e *Para entender O Capital: Livros II e III*, de 2014, ambos publicados no Brasil pela Editora Boitempo. Como o próprio título diz, os dois textos visam facilitar a leitura e a compreensão da obra máxima de Karl Marx, *O Capital*.



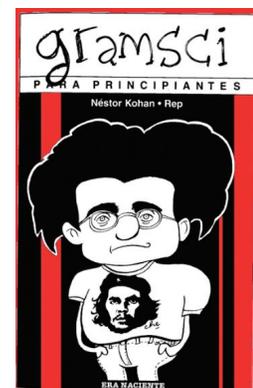
REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO

**Imperialismo, fase superior do capitalismo.** Escrito pelo principal líder da Revolução Russa de 1917, Vladimir Illich Lenin, o texto se tornou um clássico. Nas décadas seguintes motivou vários autores da sociologia, da ciência política, da ciência econômica, da geografia, entre outras áreas. Entre as teorias influenciadas pela obra, estão os conceitos de periferia, centro e semiperiferia. É essencial para a compreensão das relações globais no âmbito dos territórios e países. O livro igualmente inovou ao analisar a formação de monopólios, o domínio planetário por corporações e especialmente a ação determinante dos bancos no capitalismo a partir do século XX. As ideias apresentadas são primordiais para compreender a organização e o espaço geográfico na atualidade.

**Gramsci para principiantes,** Editora Era Naciente. O pensador italiano Antonio Gramsci elaborou e expandiu alguns dos conceitos mais importantes para a análise social atual, entre eles hegemonia e dominação, Estado e sociedade civil, economicismo etc. Mesmo que em espanhol, o livro citado, com texto de Nestor Kohan e ilustrações de Miguel Repiso, é



REPRODUÇÃO

821-1

uma excelente síntese a respeito das ideias de Gramsci. O intelectual influenciou vários outros estudiosos renomados, como o historiador Eric Hobsbawm, os sociólogos Immanuel Wallerstein e Pierre Bourdieu, o geógrafo David Harvey, além de ter contribuído para o diálogo da geografia com outras ciências sociais.

**Dez dias que abalaram o mundo.**

Apesar de ter falecido com apenas 32 anos, o livro que o jornalista estadunidense John Reed publicou em 1919 tornou-se um *best-seller* mundialmente famoso. O texto aborda os primeiros dias da Revolução Russa de 1917, em que o autor descreve as mudanças radicais do país de maneira bastante viva e envolvente. Em 1981, foi lançado nos Estados Unidos o filme *Reds*, com direção de Warren Beaty, baseado na vida do escritor.



**ÁGORA**

[...] acreditamos que as condições materiais já estão dadas para que se imponha a desejada grande mutação [...]. Pouco, no entanto, se fala das condições, também hoje presentes, que podem assegurar uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e do planeta.

**SANTOS, Milton.**

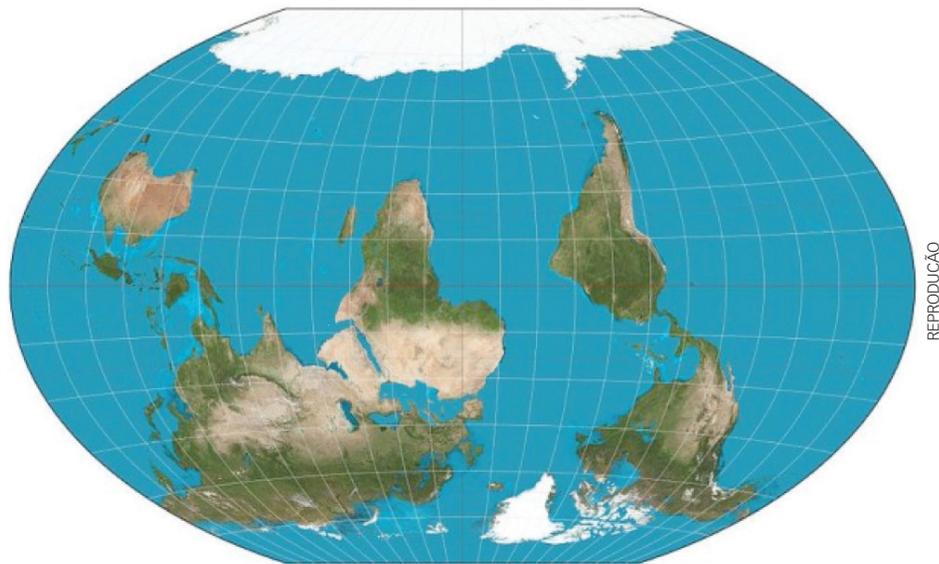
*Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*  
Editora Record, 2009.

O que o autor desejou expressar no trecho acima? Por quê? Explique. Quais são os significados e relações de “grande mutação”, “condições materiais” e “mutação filosófica”?

# SENHA

No espaço sideral há norte ou sul?  
Há "em cima" ou "embaixo"?

Há algo de errado com este mapa? Por quê? Ou depende do ponto de vista? No espaço sideral há norte ou sul? Há "em cima" ou "embaixo"? Se não há, por que o mapa estaria errado? Se não há nada de errado com ele, por que não é representado dessa maneira? Seria, portanto, errado subverter a imagem "invertendo-a"? Enfim, qual o motivo, ou motivos, de a imagem do mapa-múndi ter sido convencionada da maneira que conhecemos?



Fonte: Wikimedia Commons.

REPRODUÇÃO

821-1



## Aulas 1 e 2

### :: Estudo orientado

1. c
2. e
3. c
4. b
5. **Comercial:** Domínio do capital comercial que viabilizará a fase seguinte do capitalismo: industrial; comércio possibilitado pelas descobertas marítimas; Portugal e Espanha se tornam as principais potências; produção baseada no trabalho escravo; colonização da América Latina.  
**Industrial:** Início da produção em grande escala; estabelecimento das corporações transnacionais; hegemonia do capital industrial; Estados Unidos se transformam na principal potência; predomínio do trabalho assalariado.  
**Financeiro:** Domínio da acumulação financeira; banqueiros se tornam os maiores capitalistas; especulação financeira (riqueza sem base material) supera a produção industrial; desemprego em massa; grande concentração de riqueza.  
**Informacional:** Organização global em rede das corporações transnacionais; maior horizontalidade, conexão global das empresas viabilizada pela internet e demais avanços nas telecomunicações e logística global; menos burocracia e menos formalidade na organização das empresas; desemprego em massa; grande concentração de riqueza.

## Aula 3

### :: Estudo orientado

1. a
2. e
3. a
4. b
5. d